

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO
SOCIAL CURSO DE JORNALISMO

VICTÓRIA SILVA E OLIVEIRA

CACHOEIRA DO CAMPO: DO CENTRO ÀS MARGENS
Um livro-reportagem sobre o cotidiano da comunidade cachoeirense

Produto Jornalístico

Mariana
2022

VICTÓRIA SILVA E OLIVEIRA

CACHOEIRA DO CAMPO: DO CENTRO ÀS MARGENS
um livro-reportagem sobre o cotidiano da comunidade cachoeirense

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa

Mariana

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

O48c Oliveira, Victoria Silva e.
Cachoeira do Campo [manuscrito]: do centro às margens: um livro-reportagem sobre o cotidiano da comunidade cachoeirense. / Victoria Silva e Oliveira. - 2023.
55 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa da Silva.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Cachoeira do Campo (Ouro Preto, MG). 2. Comunidades - Cachoeira do Campo (Ouro Preto, MG). 3. Memória coletiva - Cachoeira do Campo (Ouro Preto, MG). 4. Reportagens e repórteres - Cachoeira do Campo (Ouro Preto, MG). I. Silva, Karina Gomes Barbosa da. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070.4(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Victória Silva e Oliveira

Cachoeira do Campo: do centro às margens

Produto apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 27 de março de 2023

Membros da banca

Dra. Karina Gomes Barbosa - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Hila Rodrigues - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares (Universidade Federal de Ouro Preto)

Karina Gomes Barbosa, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 17/10/2023



Documento assinado eletronicamente por **Karina Gomes Barbosa da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/10/2023, às 18:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0608838** e o código CRC **D3EB3AFA**.

À todas as meninas e mulheres do interior que sonham grande.

“Então serra os punho, sorria
Jamais volte pra sua quebrada de mão e mente vazias”
(*Levanta e Anda*, canção de Emicida)

AGRADECIMENTOS

Toda a minha formação, inclusive o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso, não seria possível se eu estivesse sozinha, sem apoio e incentivo, por isso agradeço a todos e todas que um dia torceram por mim e que cooperaram para realização deste sonho. Foram cinco anos de curso, um ano de TCC e uma adolescência toda sonhando em encontrar uma profissão em que me sentisse realizada, então esses agradecimentos percorrem não só pessoas que fizeram parte desta reta final, mas também de tantas outras fases da minha vida.

Mãe, na adolescência você me presenteava com um livro, com sua dedicatória, a cada viagem que fazia. Quando eu revejo os álbuns da minha infância, lá estão suas palavras, contando os bastidores e narrando cada foto. Você sempre me incentivou, mesmo sem saber, obrigada por ser minha maior inspiração. Você me inspira porque não desiste dos seus sonhos, porque não aceita nada menos do aquilo que te faz feliz, porque escolheu trabalhar com o que ama. Te agradeço porque era você quem estava presente em todos os momentos que eu achava que não daria certo ou reclamava por estar esgotada. E estava também presente a cada etapa concluída neste processo, quando eu dava pulinhos de alegria e performava coreografias para comemorar. “Não falei que ia dar certo, filha?”. E deu certo mesmo mãe, conseguimos! Te amo para sempre.

Pai, obrigada por confiar em mim. Sei que a escolha do jornalismo te assustou, mas meses depois você já falava para os amigos, orgulhoso, que eu seria jornalista. Você dizia: “Inteligente demais essa menina, puxou o pai”. E você é mesmo inteligente, dedicado, sempre é reconhecido pelo excelente trabalho que realiza, e te admiro por isso. A gente sonha diferente, você é pé no chão, e eu sonho tão alto que só falta voar. Mas no fim, você sempre acaba me apoiando em tudo. Obrigada também por me dar o melhor presente que já ganhei, meu irmão. Quero um dia ser inspiração para Samuel. Te amo, meu pai, separa um espaço na estante, minha foto com o diploma está chegando!

Agradeço à minha madrinha, Nilcilene, que foi extremamente presente na minha formação desde a infância. Sempre era garantida sua participação nos eventos escolares, festas juninas, feirinhas, lá estava ela com sua máquina fotográfica para registrar tudo. Eu puxei essa mania, aos poucos vou me tornando a “tia” das fotos - e uma aspirante a fotojornalista. Dindinha, obrigada por me apoiar incondicionalmente, te amo “infinito”, como costuma dizer. Aproveito para agradecer a todos os familiares que me apoiaram, e aos meus avós: Elza e, principalmente, Maria e Geraldo, porque foi na casa deles que vivi os últimos

anos e onde passei boa parte da infância, enquanto meus pais trabalhavam. Vocês me mimam muito, e se preocupam demais, mas eu amo vocês, meus velhinhos.

Preciso agradecer a todos os professores e professoras que já tive e contribuíram para minha formação, desde a Educação Infantil até a graduação, e aos futuros colegas de profissão, com quem já tive o prazer de trabalhar. Agradeço em especial à professora Luciana Leão. Luciana pedia um caderninho próprio de “Produção de Texto” desde o 4º ano, que guardo até hoje. Foi ali que percebi que gostava mesmo de contar histórias.

Agradeço também à minha querida orientadora, Karina Gomes Barbosa, que eu tanto admiro. Além de ter sido tão presente e fundamental para a escrita deste trabalho, Karina me acompanhou em praticamente toda a graduação, desde o segundo período. Participei do projeto de extensão coordenado por ela e por André Carvalho, *Sujeitos de Suas Histórias*, ao qual também sou extremamente grata porque me possibilitou crescer muito enquanto uma profissional sensível, atenta à comunidade que me rodeia. Karina, obrigada pelos quase cinco anos de ensinamentos.

Amigas e amigos que não fiz na faculdade, mas que mesmo de longe sempre me parabenizaram por cada pequena vitória, obrigada por serem incríveis e compartilharem tantas etapas comigo. Meninas com quem dividi meus dias por um ano enquanto morei em Mariana, na casa que apelidamos de “Nu Céu”, vocês marcaram minha graduação e sou grata por essa experiência. Colegas de curso com quem dividi trabalhos, reclamações, projetos e tantas outras coisas da vida, obrigada pela parceria. Agradeço em especial à Amanda, que conheci durante a graduação, e que tantas vezes ouviu meus áudios desesperados durante a escrita deste trabalho. Que bom que nosso caminho se cruzou, minha amiga, amo você!

Impossível não agradecer também ao meu companheiro, que presenciou minha formatura do Ensino Médio, a aprovação no curso, primeiros dias de aula, participação em projetos, estágio, mudanças de casas, a sobrevivência a uma pandemia, enfim, cada etapa até este momento, de me tornar uma profissional formada. Obrigada por sonhar comigo, Rodolfo! Seu incentivo foi essencial em muitos momentos. Te amo e sempre serei grata por tudo isso.

Finalizo agradecendo àqueles que realmente tornaram o desenvolvimento do produto que aqui será descrito possível: primeiro, à Júlia, que diagramou e me ajudou a pensar em detalhes do livro com tanto carinho; e segundo cada um e cada uma dos homens, mulheres e meninas que conversou comigo, cada um e cada uma mesmo, que me ouviu, deixou ser escutado, e me permitiu compartilhar com o mundo suas histórias. Obrigada, de verdade, por confiarem em mim e neste projeto.

RESUMO

Este memorial consiste em reflexões teóricas e bibliográficas que se relacionam com a produção do livro-reportagem *Cachoeira do Campo: do centro às margens* - produto de trabalho para a conclusão de curso de bacharel em jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Guiado pelos conceitos de identidade e memória e de discussões acerca do cotidiano e das comunidades, o livro apresenta reportagens produzidas a partir de pesquisas, entrevistas e observação participante. O memorial aqui apresentado também evidencia as ideias por trás do projeto gráfico, do uso da fotografia e reflexões acerca do processo de apuração e escrita.

Palavras-chave: livro-reportagem; comunidade; memória; identidade; Cachoeira do Campo.

ABSTRACT

This memorial consists of theoretical and bibliographical reflections that relate to the production of the book-report *Cachoeira do Campo: from the center to the margins* - work product for the conclusion of a bachelor's degree in journalism at the Federal University of Ouro Preto (UFOP). Guided by the concepts of identity and memory and discussions about daily life and communities, the book presents reports produced from research findings, interviews and participant observation. The memorial presented here also highlights the ideas behind the graphic design, the use of photography and reflections on the verification and writing process.

Palavras-chave: report book; community; memory; identity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Moodboard referências visuais..... 39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2.REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE IDENTIDADES E MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS	15
3.COMUNIDADE, COTIDIANO E TERRITÓRIO: ANDANDO PELAS RUAS	22
3.1 TERRITÓRIO E COMUNIDADE NO CONTEXTO DO JORNALISMO.....	24
3.2. O BAIRRO E PRÁTICAS COMUNICACIONAIS NO INTERIOR.....	26
4. LIVRO-REPORTAGEM: CONSTRUINDO UM JORNALISMO SUBJETIVO	28
4.1 ENCONTRO COM O OUTRO, SUBJETIVIDADE E O LIVRO DE REPÓRTER...30	
4.2 ESTRATÉGIAS DO SENSÍVEL, DIÁLOGO E ESCUTA	32
5. A COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO CAMPO	35
6. O PRODUTO	39
6.1. PAUTA ESTENDIDA.....	39
6.2 FOTOGRAFIA: MEMÓRIA E INFORMAÇÃO.....	39
6.3 PROJETO GRÁFICO.....	40
7. DIÁRIO DE BORDO	43
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

1. INTRODUÇÃO

Durante muitos momentos durante a graduação, ficou claro para mim qual tipo de jornalista desejava me tornar: uma profissional qualificada, corajosa e sensível. Na prática, entretanto, não sabia quais caminhos tomar para aprimorar tais características. Durante boa parte da graduação, fiz parte de um projeto de extensão que trabalhava com questões da identidade, da memória, dos afetos e do cotidiano, por isso esses conceitos já pairavam nos meus desejos de pesquisa.

Para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, então, surgiu uma ideia: unir os conceitos que tanto fizeram parte da minha formação ao objeto de praticar as técnicas do jornalismo para me desenvolver enquanto comunicadora. Assim, decidi pelo produto jornalístico, mas ainda não sabia o que fazer, especificamente. O que escrever? Para quem? Com que objetivo? Haviam alguns temas com os quais me identificava, mas nenhum deles reivindicou mais minha atenção do que o distrito ouro-pretano onde cresci e continuo vivendo, Cachoeira do Campo.

Minha relação com esse lugar não foi, ao longo dos anos, harmoniosa e afetuosa. Apenas durante a faculdade encontrei “ser cachoeirense” como parte da minha identidade. As respostas sobre o trabalho estavam acumuladas em anos de contato com o trabalho com comunidades, pelo projeto de extensão, e mais muitos anos de experiência própria notando a escassez de memória e de narrativas midiáticas sobre Cachoeira. Escreveria um livro-reportagem sobre Cachoeira do Campo, para que os cachoeirenses pudessem recuperar sua identidade, pertencimento e relação com a comunidade, e para que os não-cachoeirenses de todo o mundo pudessem conhecer alguma histórias dos homens e mulheres e dos lugares que fazem parte do cotidiano do distrito.

Para isso, seria necessário, então, refletir sobre alguns conceitos que se relacionam diretamente com o trabalho: identidade, memória, cotidiano e comunidade. Todas essas palavras ou expressões dizem respeito a processos individuais e coletivos que são vitais para os grupos sociais. Identidade e memória parecem estar fortemente interligadas, ao mesmo tempo em que as concepções de cotidiano, território e de comunidade também têm sua relação com os processos de formação identitária e de manutenção da memória.

O produto se propõe a auxiliar no processo de identificação enquanto parte de um grupo, e também na busca de memórias dos cachoeirenses, pensando na história de formação

do distrito desde o povoamento até o crescimento demográfico recentes, e ao mesmo tempo na criação de novas memórias coletivas a partir da leitura e suas repercussões.

Além disso, foi necessário também dedicar uma reflexão teórica acerca dos processos metodológicos jornalísticos e do conceito do gênero livro-reportagem, ou ainda de livro de repórter, a partir de discussões e pesquisas mais recentes. Foi uma oportunidade de rever técnicas de apuração aprendidas durante a graduação, visitar autores e autoras que discutem tais técnicas, e perceber também o caminho dos gêneros jornalísticos a partir de toda a evolução das discussões sobre escuta sensível, sobre jornalismo subjetivo, e mesmo sobre os avanços tecnológicos que permitem o uso de novas ferramentas e o acesso a novas possibilidades de apuração e escrita.

Portanto, este memorial apresenta as principais reflexões teóricas que surgiram ao se pensar nas possibilidades de desenvolvimento do produto, e também algumas que surgiram após o processo de apuração e escrita. Na primeira parte, os conceitos de identidade e memória, individuais e coletivas de importantes autores são colocados em discussão, seguidos pelas ideias de comunidade, cotidiano e do andar pelas ruas. Para tentar contextualizar o leitor sobre o que o jornalismo significa para o distrito, e onde os distritos entram no jornalismo e nos veículos midiáticos, são levantadas discussões sobre a cobertura no interior. Transita-se para a abordagem dos processos metodológicos, centrados nos conceitos e escuta sensível e jornalismo subjetivo, feito para, sobre e com o outro, e, por fim, o livro é apresentado, junto com as questões acerca de seu desenvolvimento.

Já o produto em si consiste num livro com cinco grandes reportagens que têm Cachoeira do Campo como cenário e cachoeirenses, de nascença ou de coração, como principais personagens. A expectativa é que, nestes cinco capítulos e até mesmo nas seções de “Introdução”, “Prefácio” e “Agradecimento”, os leitores possam se identificar com as memórias, aventuras e realidades divididas por moradores do distrito, e, mais que isso, se sintam inspirados e inspiradas a se tornarem protagonistas de suas próprias histórias.

2. REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE IDENTIDADES E MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS

Identities and memories, whether they are individual or still thought of in a collective form, are intrinsically linked. Although different authors and authors devote themselves to the study of one or the other, these concepts end up getting stuck in their conceptions, and there are also those who believe in the vital relationships that establish both, as the professor and researcher Joel Candau (2012).

We begin then, with a review of what some researchers and researchers in the area think about “identity”. Kathryn Woodward (2000) affirms, in “Identity and difference: a perspective on cultural studies”, that the understanding of identity can be divided into different conceptual dimensions, related to some distinct aspects of life, such as for example social and material conditions, but also symbolic ones.

The author affirms that recognition and representations, understood as a cultural process, determine identity, both individual, as well as collective, explaining that “the symbolic systems in which she is based provide possible answers to the questions: Who am I? What could I be? Who do I want to be? Discourses and systems of representation construct the places from which individuals can position themselves[...].” (WOODWARD, 2000, p. 17).

From the proposal of the work to contribute to the understanding of cachoeirenses as subjects who construct their own identities and memories independent of the traditional colonial gold-pretana history, it can be expected that the effort undertaken here is to answer “Who is the cachoeirense?”. It already advances then that even with a careful reading of the reports one will not find a unique correct answer for the question. This is because, as explains Woodward (2000), identities are not unified. Both at the individual level, as well as collective, contradictions and discrepancies can appear. According to the author, identities are fluid. They are not fixed, they are not stagnant, and much more than by similarities, they are established from differences. It is the differences that mark the process of constitution of an identity, it is the way in which it relates to another that is capable of determining it. Said this, it becomes clearer that the objective is not then to discover a unique common identity, but to evidence the multiplicity of identities and subjects who inhabit the district and who become unique from it.

suas histórias e relações ali estabelecidas. Seria mais coerente, então, buscar respostas para “Quem são os Cachoeirenses?”.

Outro fator que deve ser considerado é que, ao permitir que o leitor do trabalho construa um imaginário sobre os personagens cachoeirenses, as reportagens produzidas não apenas contam sobre determinadas identidade, como também tornam-se ativas no processo de construção — ou reconstrução, como diria Stuart Hall (2000) a respeito da concepção de identidade que leva em conta uma questão tanto de tornar-se quanto de ser. Tomaz da Silva, que escreve a obra sobre identidade junto a Woodward e Hall, explica que mesmo quando acreditamos estar apenas expondo uma realidade cultural, “aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos lingüísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo” (DA SILVA, 2000, p.93).

Isto remete ao argumento de que para Hall, tanto a identidade quanto a diferença precisam ser “ativamente produzidas”, isto é, ambas são concepções do mundo cultural e social, e não nascem a partir de uma perspectiva mística ou natural. E justamente por serem estabelecidas com base nas relações sociais e culturais, estão sujeitas às relações de poder. Suas definições não são simplesmente estabelecidas, mas sim impostas, contrariadas, reivindicadas e disputadas em um campo hierárquico. Isso explica como símbolos de uma “identidade nacional” foram e continuam sendo utilizados como instrumento de legitimação ao longo da história ou mesmo como a globalização contribui para uma certa “crise de identidade”, por exemplo.

Hall (2000) argumenta ainda que o sujeito enuncia sempre a partir de determinadas posições históricas culturais, mais uma razão pela qual se compreende a identidade como um lugar de disputa, mas ao mesmo tempo com características fluidas. Entretanto, apesar da contraindicação de se pensar identidade como blocos estanques, Woodward (2000) aponta que “há entre os membros de uma sociedade um certo grau de consenso sobre como classificar o mundo. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende como cultura” (p. 41). A cultura compartilhada funciona, assim, como um ambiente de intermediação das diferenças e da identidade.

Stuart Hall, em *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, tendo como cenário principal a situação migratória de caribenhos na Grã- Bretanha, discute como as questões de identidade podem ser pensadas no contexto da diáspora e como a questão identitária se relaciona com a história. Para ele, há alguns pontos cruciais a serem ressaltados a respeito dessa identidade cultural. Um deles é que identidade cultural está sim, inevitavelmente

relacionada com a história de um grupo, mas que o caminho para a modernidade é marcado por disputas, por geocídio, escravidão, apagamentos e grandes rupturas, portanto, essa busca por uma memória histórica dos antepassados “não pode ser representada como uma ‘volta ao lugar onde estávamos antes’, já que, como nos lembra Chambers, ‘sempre existe algo no meio’” (HALL, 2003, p. 34).

O que Hall (2003) sugere é que as histórias são completamente atravessadas pelo presente, isto é, as origens de um grupo e a compreensão de sua história são de suma relevância para compreender alguns traços de sua identidade e cultura, mas esses não podem ser os únicos elementos considerados na construção identitária. As movimentações do presente, aquilo que está se emergindo, as características que o aproximam de outros novos grupos ou mesmo que o diferenciam deste tal cortado passado, também são constituintes da cultura e conseqüentemente das identidades. Portanto,

a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma "arqueologia". A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu "trabalho produtivo". Depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse "desvio através de seus passados" faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2003, p. 44)

Um então retorno às fontes originárias da identidade não é em vão, principalmente no que diz respeito às histórias de grupos que foram sistematicamente apagadas pelo colonialismo. O pesquisador acredita, então, que o esforço empreendido em resgatar as expressões culturais tradicionais africanas e a história dos países e povos a África, no caso caribenho, tem sido um fator "poderoso e subversivo" para a compreensão da identidade cultural deste grupo, entretanto, isso não se deve, principalmente, ao fato de existir uma ligação indissociável com essa “herança africana”, mas sim porque se propuseram a produzir uma nova África, a partir da atual narrativa do local (HALL, 2003). Hall conclui, então, encontrando uma resposta sobre como falar de identidade nesse contexto de globalização, migração e até de recuperações histórico-culturais:

A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de "pertencimento cultural", mas abarcar os processos mais amplos — o jogo da semelhança e da diferença — que estão transformando a cultura no mundo inteiro. Esse é o caminho da "diáspora", que é a trajetória de um povo moderno e de uma cultura moderna. Isso pode parecer a princípio igual — mas, na verdade, é muito

diferente — do velho "internacionalismo" do modernismo europeu.(HALL, 2003, p.47).

Bem como Woodward afirma que a identidade não é dada, mas ativamente produzida, os autores Michael Pollak e Maurice Halbwachs, entre outros nomes importantes, elucidam que a memória é um fenômeno construído. Pollak (1992) explica que, apesar de ser muitas vezes assimilada como um fenômeno individual e até biológico, a memória pode e deve ser entendida também como um fenômeno social construído coletivamente, como também já apontava Maurice Halbwachs (1990). Para ele, por essa sua condição, a memória é então mutável e flexível, flutuante, tanto no âmbito individual quanto coletivo. Entretanto, observa-se que, embora os relatos da memória se transformem, também há algo relativamente estável.

O autor aponta, então, quais seriam os elementos constituintes da memória: “em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (POLLAK, 1992, p. 201). Neste último caso, o indivíduo não necessariamente participa do momento, mas de alguma forma, seu imaginário considera relevante o suficiente para se sentir parte do acontecimento vivido. Um exemplo disso seriam as lembranças de festas de rua ou festas de família, que o indivíduo viveu ainda na primeira infância, muitas vezes sem condições de, de fato, conseguir se lembrar de alguns detalhes, mas que de alguma forma consegue manter a memória viva criando associações ou identificação com aquilo que é contado e repetido, para o outro ou para si mesmo.

Halbwachs (1990) define como lembrança “uma reconstrução do passado com ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (p. 71) Com isso, percebe-se que umas das características da memória é que ela é construída, tanto de forma consciente quanto inconsciente.

Outro traço importante apontado por Pollak é que, entendido que o processo de organização da memória, com acontecimentos que permanecem e outros que esvaem, compreende-se também que ela é seletiva. E é pensando nas propriedades da memória que o autor afirma que a própria história e os documentos escritos, os arquivos, permanecem com características semelhantes, afinal, historiadores realizam um trabalho de “enquadramento da

memória”, e se a memória é uma construção social, toda documentação, todo arquivo, também é.

Halbwachs também demonstra, através de sua obra, que acredita firmemente nos aspectos de construção e seletividade da memória, e discorre sobre a relevância do grupo ao qual os sujeitos fazem parte nesse processo de construção da memória. Ele explica, por exemplo, que uma cena do passado pode nos parecer muito clara em nossos pensamentos, mas que, depois de nos deparar com uma outra pessoa que tenha presenciado ou participado daquele momento, essa certeza pode mudar. Novos detalhes provavelmente podem surgir, a ordem dos acontecimentos pode nos parecer confusa e até o sentido geral daquele evento, “porque é impossível que duas pessoas que viram o mesmo fato, quando o narram algum tempo depois, o reproduzam com traços idênticos” (HALBWACHS, 1990, p. 75).

Pensando sob essa perspectiva, é interessante olhar para o recente trabalho da pesquisadora Beatriz Sarlo, que reflete sobre o relato e memória, e sobre as construções mútuas dos dois aspectos. Primeiramente, vale ressaltar que a autora acredita que a memória é um bem comum, um direito, mas também um dever e uma necessidade, até mesmo política (SARLO, 2021). Já sobre o relato, chamado aqui de "narração", ela explica que

Não há narração sem experiência, mas também não há experiência sem narração: a linguagem liberta o mudo da experiência, redime-a de sua imediatez e a converte no comunicável, ou seja, no comum. A narração inscreve a experiência em uma temporalidade que não é a de sua ocorrência (ameaçada desde o início pelo passado e o irrepitível), mas a de sua memória. Portanto, a narração também funda uma temporalidade, que em cada repetição e em cada variante se atualiza novamente.(SARLO, 2021, p.3, tradução nossa).¹

A partir dessas conclusões, Pollak proporciona um entendimento sobre o relato oral e conseqüentemente traz uma reflexão a respeito das entrevistas e até do trabalho jornalístico em si. Afinal, se a memória é seletiva e a própria história é uma construção social, como definir o que é verdadeiro ou falso ao ouvir um relato? Ele explica que, numa entrevista oral, devemos nos atentar àquilo que aparece de mais sólido e menos sólido. Entre o mais variável e o mais estável, para ele, é onde se torna mais fácil identificar o verdadeiro, bem como aquilo que levanta problemas de interpretação. Já a respeito da cronologia, Pollak argumenta que não se deve pensar numa dicotomia, já que esta seria uma visão ultrapassada, e para ele,

¹No hay narración sin experiencia, pero tampoco hay experiencia sin narración: el lenguaje libera lo mudo de la experiencia, la redime de su imediatez y la convierte en lo comunicable, es decir lo común. La narración inscribe a la experiencia en una temporalidad que no es la de su acontecer (amenazado desde su mismo comienzo por el pasado y lo irrepitible), sino la de su memoración. Por lo tanto, la narración también funda una temporalidad, que en cada repetición y en cada variante vuelve a actualizarse.(SARLO,2021, p.3).

o que existem são cronologias plurais, “em função do seu modo de construção, no sentido do enquadramento da memória, e também em função de uma vivência diferenciada das realidades” (POLLAK, 1992, p. 210).

Pollak indica ainda, assim como afirma Candau, que memória e identidade se relacionam estreitamente. Segundo ele

Há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Há a unidade física, há a continuidade dentro do tempo, há o sentimento de coerência, ou podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo..A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade (POLLAK, 1992, p. 214)

Por identidades coletivas, Pollak (2000) se refere a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo dos anos ou mesmo de gerações, para dar a cada sujeito que pertence ao grupo pertence, o sentimento de unidade, de coerência.

Maurice Halbwachs debruça-se também sobre a memória, mais precisamente sobre o conceito de memória coletiva. No capítulo denominado “Necessidade de uma comunidade afetiva”, o autor discorre sobre a importância do grupo para que uma lembrança individual faça sentido, e portanto, seja de fato memória. Para ele,

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos traga seus depoimentos: é necessário ainda que lá não tenha cessado de concordar com sua memória e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns [...]o que só é possível se fizerem e continuem a fazer parte de uma mesma sociedade. (HALBWACHS, 1990, p. 34)

Além de esclarecer sobre a importância dos grupos para a formação e manutenção da memória individual e elucidar os aspectos importantes da memória coletiva nos distintos grupos sociais, Halbwachs (1990) também apresenta reflexões importantes sobre a memória em pequenas localidades. Para ele, diferente do que acontece nas cidades grandes, os moradores de “um pequeno vilarejo” se observam mutuamente, e a memória de seu grupo é afiada, registra as ações de cada um, já que esses acontecimentos contribuem para modificar aquele grupo e aquele lugar. Nesse sentido, esses indivíduos recordam em comum, “cada um, sem dúvida, tem sua perspectiva, mas em relação e correspondência tão estreitas com aqueles

outros que, se suas lembranças se deformam, basta que ele se coloque do ponto de vista dos outros para retificá-las” (HALBWACHS, 1990, p. 80).

Retomando a discussão que liga memória à identidade, como previamente enunciado, Joel Candau é quem faz questão de relacionar essas definições em sua obra. Candau (2012), ao falar sobre memória e identidade, lembra de que o filósofo francês Jean Yves Lacoste afirma que o conhecimento de si mesmo precisa passar pelos caminhos de uma memória de si mesmo, sendo a memória, então, uma fonte para a identidade. Para Candau, “a memória ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, uma narrativa” (CANDAU, 2012, p.16).

O autor aponta que quando Isaac Chiva define identidade como a capacidade que o indivíduo tem de permanecer consciente de sua vida diante de rupturas, o que ele faz é enraizar a identidade em um processo memorial. Candau (2020) explica que

no quadro de estratégias identitárias, os indivíduos operam escolhas sempre no interior de um repertório flexível e aberto a diferentes meios: representações, mitohistórias, crenças, ritos, saberes, heranças, etc., ou seja, no interior de um registro memorial (p. 17-18).

O pesquisador acredita que o jogo da memória que funda a identidade é feito de lembranças e esquecimentos, mas se a memória é geradora de identidade, essa identidade ou esta “demanda identitária” também define posições que levarão os sujeitos a incorporar ou não aspectos do passado, a fazer escolhas memoriais que se relacionam com a representação que ele ou ela faz de sua identidade. Candau (2012) então levanta o questionamento: “Não seria equivocado pensar memória e identidade como dois fenômenos distintos, um preexistente ao outro?” (p. 19). Em seguida, ele mesmo conclui que sim, pois “de fato, a memória e a identidade se entrecruzam indissociáveis[...] (CANDAU, 2012, p. 19).

3. COMUNIDADE, COTIDIANO E TERRITÓRIO: ANDANDO PELAS RUAS

Tendo em vista que o produto deste trabalho tem como tema central os sujeitos e acontecimentos de um distrito, é fundamental olhar para as reflexões teóricas acerca das comunidades, das noções de território e da vida cotidiana que ocupa esses espaços. O historiador Michel de Certeau compreende a cidade como muito mais do que um conjunto arquitetônico que abriga pessoas. A cidade funciona como um lugar de transformações, apropriações, disputas e rupturas, intervenções a todo momento de sujeitos e grupos. Os sujeitos não são apenas moradores, como o termo "habitantes" sugere, eles são praticantes da cidade. Mesmo sobre sua "estrutura", o autor explica que

A "cidade", à maneira de um nome próprio, oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra. Nesse lugar organizado por operações especulativas e classificatórias, combinam-se gestão e eliminação. De um lado, existem uma diferenciação e uma redistribuição das partes em função da cidade, graças a inversões, deslocamentos, acúmulos, etc.; de outro lado, rejeita-se tudo aquilo que não é tratável e constitui portanto os "detritos" de uma administração funcionalista (anormalidade, desvio, doença, morte etc.) (DE CERTEAU, 1998, p. 173).

Para compreender a cidade de fato, é preciso logo voltar os olhares para a diferença que Certeau aponta existir entre "lugar" e "espaço". Para explicar essa questão, o autor opta em comparar as relações da cidade com os elementos de um discurso. A relação seria semelhante à das palavras para com o enunciado falado, ou seja, o lugar ganha vida, sentido, passa a fazer parte de narrativas, quando praticado, como a palavra num discurso. É um jogo que transforma aquilo que, sem que ninguém chegasse ou saísse, seria apenas estrutura, terra ou concreto. Em suas palavras,

O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambigüidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um "próprio". Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geométricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos - um escrito. (DE CERTEAU, 1998, p. 201-202).

Da mesma forma, o andar pela cidade também pode ser comparado com o enunciado. Neste caso, o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação está para a língua ou para os enunciados proferidos. Isso quer dizer que, assim como o locutor se

apropriada de uma língua, o pedestre se apropria das ruas, dos caminhos, estradas e calçadas, além do ato ser também uma realização espacial do lugar, bem como o enunciado é um fim para a língua.

Também é possível entender da seguinte maneira: da mesma forma que as caminhadas pela cidade podem ser feitas a partir de diferentes percursos, dependendo das escolhas ou factuaisidades, as palavras podem ser escolhidas para moldar as frases. Portanto, moldar frases encontra uma semelhança com moldar percursos. Essas escolhas são capazes de configurar também como tais locais tornam-se mais evidentes para certos grupos,

A sua transumância retórica traz e leva os sentidos próprios analíticos e coerentes do urbanismo : é uma errância do semântico, produzido por massas que fazem desaparecer a cidade em certas regiões, exageram-na em outra, distorcem-na, fragmentam e alteram sua origem no entanto imóvel (DE CERTEAU, 1998, p. 180).

Se levarmos em conta o andar pelas ruas pela ótica do jornalismo, podemos nos lembrar de João do Rio, pseudônimo literário de João Paulo Barreto, um jornalista brasileiro que viveu nas primeiras décadas do século XX. São muitos os que creditam que ele revolucionou o jornalismo, e apresentou os primeiros indícios do jornalismo contemporâneo, contribuindo ainda para a formalização da profissão, enfrentando as dificuldades impostas por ser um homem negro, gordo e homossexual (CAIXETA, 2021). Sua marca característica era andar pelas ruas do Rio de Janeiro, e perceber por lá, com seu olhar atento, histórias a serem contadas. João do Rio lança luz a um verbo de “flanar”, inspirado pelo modo como Baudelaire, poeta francês, percorria Paris em seu processo de observação e escrita:

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos flâneur e praticar o mais interessante dos esportes — a arte de flanar. É fatigante o exercício? Para os iniciados sempre foi grande regalo. A musa de Horácio, a pé, não fez outra coisa nos quarteirões de Roma. Sterne e Hoffmann proclamavam-lhe a profunda virtude, e Balzac fez todos os seus preciosos achados flanando. Flanar! Aí está um verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! Que significa flanar? Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina[...] (DO RIO, 2011, p.2-3)

Para o escritor, a rua tinha vida, tinha alma, e era “flanando” para lá e para cá que se conseguiria, de fato, enxergar a realidade e as relações ali estabelecidas, junto com suas problemáticas e potencialidades. Ele identificava a rua como campo etnográfico do repórter,

e acessava regiões e grupos marginalizados como observador participante, inaugurando um modo de se fazer jornalismo, chamando a atenção já na época. Assim, para ele, a cidade falava. Não era só um amontoado de estruturas e de gente, mas guardavam o mistério do cotidiano, e com o olhar sensível e atento, percebia então, o que as ruas e bairros abrigavam.

Retomando as conceituações de Certeau, o autor acredita também que tanto a memória quanto o relato se mostram como importantes ferramentas de manutenção do espaço. A memória, que só existe a partir do encontro com o outro, faz com que diferentes sujeitos compartilhem os mesmos sentidos a respeito de um lugar tornando-o espaço (DE CERTEAU, 1998). Cada rua, cada esquina, cada praça, a partir de lembranças divididas, passam a ser compreendidos como um espaço em comum. Já os relatos transformam lugares em espaços, ou mesmo fazem o reverso, constantemente, organizam as relações ali estabelecidas. O autor conta que

Na Atenas contemporânea, os transportes coletivos se chamam *metaphorai*. Para ir para o trabalho ou voltar para casa, toma-se uma “metáfora” - um ônibus ou um trem. Os relatos poderiam igualmente ter esse belo nome: todo dia, eles atravessam e organizam lugares; eles os seleccionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços.(DE CERTEAU, 1998, p.199)

3.1 TERRITÓRIO E COMUNIDADE NO CONTEXTO DO JORNALISMO

Isso que Michel de Certeau diz a respeito de tornar os lugares espaços a partir dos relatos e das memórias e de, conseqüentemente, praticar o lugar como ser social, pode ser observado pela ótica da comunicação como um todo, inclusive no campo do jornalismo. Quando o autor afirma que na organização espacial, determinados locais ganham evidência em detrimento de outros que, aos poucos, são invisibilizados, podemos compreender que ele se refere à organização geográfica-arquitetônica, mas, no cotidiano, observamos que essa dicotomia aparece também no que se refere à organização social e, conseqüentemente, em políticas públicas, por exemplo. Nesse sentido, essa característica também pode ser observada nos veículos de comunicação. Locais afastados geograficamente nas cidades, distantes dos centros econômicos e políticos, muitas vezes são também afastados dos olhares de comunicadores, isto é, o cotidiano de bairros marginalizados, como as favelas, parecem ter menos relevância nas páginas de jornais - ou aparecem sempre a partir de um olhar comum e estereotipado, como o do tráfico e da violência.

Para a pesquisadora Angela Zamin, o jornalismo apresenta uma “cartografia do mundo” ao narrar todos os dias, os acontecimentos de tantos lugares diferentes. Acontece que

essas representações dos lugares, dos países, estados, cidades e bairros, são perpassadas por escolhas e por visões ancoradas em algumas pré-definições estruturais. Ela observa que

No que diz respeito às escalas utilizadas pelo Jornalismo, não há somente diferenças qualitativas com relação ao território representado, mas com a forma como são representados, ampliados ou reduzidos. O jornal é um mediador do que ocorre no mundo[...] Por seus protocolos, faz uma escrita do espaço no limite de cada página e, apesar dos esforços para acessar ocorrências em muitos lugares, não consegue libertar-se da oposição perto-longe, interno-externo. (ZAMIN, 2013, p.97)

O jornalismo enquanto ferramenta comunicacional de produção de sentidos, contribui, evidentemente, com as representações dos lugares e até no funcionamento das lógicas de locomoção, por exemplo, como comenta De Certeau (1998) a respeito das escolhas de um caminho ou de outro nas ruas da cidade. O fazer jornalístico pode então, construir as notícias e reportagens corroborando ou, de certa forma, quebrando com as tendências da própria organização espacial, que marginaliza espaços e centraliza outros, afinal, para a autora, nas páginas de um jornal as localidades não têm valores atribuídos por si só, mas sim a partir das narrativas ali presentes, pois

Ao compor os mapas de cada dia dos noticiários, o Jornalismo inscreve ali, mesmo que não explicitamente no sentido de contar seus modos de fazer, os fluxos no espaço. De certo modo, é a interiorização dos espaços do vivido nos espaços do jornal que faz com que os lugares ganhem significado enquanto conjunto indissociável de coisas e relações, em movimento. Os espaços, do mundo ou do próprio sistema, percorridos pelo Jornalismo não têm valor por si mesmos; eles significam por aquilo que acrescentam às narrativas dos acontecimentos. (ZAMIN, 2013, p. 106)

Discutindo jornalismo e território, podemos destacar o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo coletivo Énois, um laboratório de jornalismo que tem como objetivo impulsionar a diversidade, a representatividade e a inclusão nos fazeres e, conseqüentemente, os produtos jornalísticos. Para pensar sobre o território, considerando que o grupo fala muitas vezes com o jornalista de cidades do interior ou regiões periféricas, são apresentadas algumas estratégias de pauta e de produção, dentre elas o chamado “Mapa Afetivo”, que tem como principal objetivo localizar os atores sociais e ao mesmo tempo as necessidades locais de acordo com a temática abordada. No manual proposto, explica-se que este mapa é

um exercício de autoconhecimento enquanto sujeito político. Ou seja, como seres ativos na busca por transformação e justiça social no contexto dos territórios comunitários, periféricos e favelados, não podemos esquecer que se quisermos falar da nossa quebrada, a primeira lição é conhecê-la. (ENOIS, 2021, p. 10)

Portanto, a proposta de metodologia é uma forma de fazer com que os comunicadores percorram os trajetos mentalmente e se coloquem como ser social, parte daquela comunidade, além de possibilitar que identifiquem como seu olhar é projetado, descubram, até mesmo, onde falta a enxergar, por exemplo, e compreendam as relações do cotidiano nas ruas. Nesse exercício, os repórteres vão, segundo os autores, perceber e indicar “suas vivências, trocas, engajamento e relações. Ele irá ajudar muito no desenvolvimento de pautas e em pensar as necessidades de informação que seu território aponta” (ENOIS, 2021, p.14).

3.2. O BAIRRO E PRÁTICAS COMUNICACIONAIS NO INTERIOR

De Certeau debruça seus estudos sobre as formas de viver na cidade. No capítulo intitulado “O Bairro”, o autor explica algumas das relações estabelecidas nesta configuração espacial e social. Para ele, é neste ambiente que se manifesta a arte de se conviver com aqueles que, de maneiras literalmente físicas e concretas, se encontram perto e presentes de alguma forma no cotidiano do sujeito. Essas relações de convivência representam um compromisso para o funcionamento do espaço a partir de comportamentos “cominados”, ou melhor, tratos silenciosos que possibilitam a vida cotidiana. Os sujeitos que ali vivem aceitam esse contrato social em prol de um bem maior, que é a vida coletiva de maneira mais plena possível- ou rompem esses contratos por determinadas razões, colocando a convivência em cheque (DE CERTEAU, 2000).

Além disso, o bairro, para o autor, também representa um espaço de relações como ser social, isto é, as práticas como sair de casa, andar pela rua e perceber os tais “contratos” ali vigentes,- que tem semelhanças elementares mas também diferenças consideráveis de bairro em bairro- inscreve o sujeito em uma grande rede de sinais sociais, e adianta a atuação do ser enquanto sujeito público, graças, principalmente, às repetições cotidianas. Nesse sentido, De Certeau (2000) entende como prática cultural uma “combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos (menu gastronômico) ou ideológicos(religiosos, políticos), ao mesmo tempo passados por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizados dia a dia (p. 39). Dito isso, e levando em conta as práticas ali estabelecidas, o autor define:

Ora o bairro é, quase que por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido [...]. A fixidez do habitat dos usuários, o

costume recíproco do fato da vizinhança, os processos de reconhecimento - de identificação- que se estabelecem graças a proximidade, graças a coexistência concreta em um mesmo território urbano, todos esses elementos práticos se nos oferecem como imensos Campos de exploração em vistas de compreender um pouco melhor esta grande desconhecida que é a vida cotidiana. (DE CERTEAU, 2000, p.40)

E é importante destacar que o bairro é espaço de prática do ser social não apenas na vida adulta, mas sim desde a infância do sujeito. As características e relações que se estabelecem naquele espaço, são capazes de circunscrever às histórias dos sujeitos, e consequentemente, em suas identidades. Por fim, o pesquisador conclui que

A cidade é, no sentido forte, poetizada pelo sujeito: este a refabricou para o seu uso próprio desmontando as correntes do aparelho urbano; ele impõe a ordem externa da cidade a sua lei de consumo de espaço. O bairro é, por conseguinte, no sentido forte do termo, um objeto de consumo do qual se apropria o usuário no modo de privatização do espaço público. Aí se acham reunidas todas as condições para favorecer esse exercício[...] tudo isso como indícios cuja acumulação e combinação produzem, e mais tarde organizam o dispositivo social e cultural segundo o qual o espaço urbano se torna não somente o objeto de um conhecimento, mas o lugar de um reconhecimento. (DE CERTEAU, 2000, p. 45)

Vale lembrar também que as noções de bairro podem ser levadas em consideração, e até amplificadas, quando falamos em pequenas cidades ou ainda distritos, como é o caso do distrito retratado no trabalho desenvolvido a partir dos esforços aqui presentes. Nas cidades de interior, fica ainda mais nítido o funcionamento como “extensões” do espaço social do lar. Com poucas casas, poucos espaços de lazer, de cultura, de compra, enfim, de práticas de sociabilidade, o bairro ganha ainda mais destaque enquanto parte conhecida do espaço urbano. Neste caso, é importante refletir brevemente sobre o jornalismo no interior e como ele se manifesta a partir dessas configurações. Na pesquisa de Vieira, o autor aponta as possibilidades do jornalismo produzido para e por esses locais, apontando para “o aspecto de potência do jornalismo praticado no interior para ampliar a qualidade da produção e reintroduzir rotinas que aproximem a prática diária dos desejos e reais necessidades da população” (VIEIRA, 2002, p.2).

Para Vieira (2002), realizar uma cobertura local não é uma tarefa fácil, afinal, pela possível proximidade com o público e relações já desenvolvidas, as cobranças podem ser ampliadas, mas é uma possibilidade crescente e que abre espaço para um desaceleramento das rotinas produtivas exaustivas e para uma produção mais preocupada com as relações e com os afetos.

4. LIVRO-REPORTAGEM: CONSTRUINDO UM JORNALISMO SUBJETIVO

Edvaldo Pereira Lima busca em sua obra explicar como o livro-reportagem consegue suprir lacunas comunicacionais deixadas pelo ritmo intenso e pela emergência do fator atualidade presentes nos jornais, nas revistas, nos programas de rádio e televisão, e mesmo na web. Sobre sua função, o autor menciona que seguem sendo as mesmas de outro gênero jornalístico: “o livro-reportagem pode servir a distintas finalidades típicas ao jornalismo, que se desdobram desde o objetivo fundamental de informar, orientar, explicar” (LIMA, 2009, p.29). Entretanto, é no livro-reportagem que o jornalismo encontra espaço para esmiuçar múltiplos contextos da realidade com maior profundidade, se apropriando inclusive do fazer literário e de uma diversidade de técnicas de apuração e produção.

Ele afirma que “O jornalismo oferece ao profissional de talento e fôlego para o aprofundamento, numerosas possibilidades de tratamento sensível e inteligente do texto, enriquecendo-o com recursos provenientes não só do jornalismo, mas também da literatura e até do cinema” (LIMA, 2009, p. 34), e que o livro-reportagem é a forma de comunicação que mais se aproxima dessas possibilidades.

Na obra *Livro de repórter: autoralidade e crítica das práticas*, da qual trataremos adiante, num capítulo onde tanto profissionais quanto o público são perguntados sobre o que é uma reportagem, a jornalista Luciana Bistane, vencedora de dois prêmios Vladimir Herzog, responde:

Reportagem tem alma, tem o olho do repórter, a sensibilidade, a curiosidade e a capacidade de se indignar, muitas vezes. A proximidade dos fatos coloca o repórter numa posição privilegiada, ele passa a ser a testemunha daquela história – individual ou coletiva; tem acesso a documentos, pesquisas, gráficos, e pode meter o nariz onde não é chamado. Mas isso também aumenta a responsabilidade e torna o desafio maior. (Luciana Bistane, jornalista) (MABILIA, 2019, p. 402)

Lima (2009) sugere, que o termo “atualidade”, tão relevante no fazer jornalístico cotidiano, seja substituído na grande reportagem por “contemporaneidade”, por acreditar que este novo termo reflete a elasticidade no modo como o presente é trabalhado neste gênero. O autor explica que

O jornalismo voltado para o efêmero transcende-se no livro-reportagem, quando este leva em conta o tempo histórico para compreender o presente, resgatando do passado suas raízes mais importantes, escondidas. Não se confunde com o trabalho da história, porque seu veio central é a contemporaneidade, mergulhando no passado apenas para compreender com maior elasticidade as causas dos conflitos presentes originados no tempo que já fluiu, em duração curta, breve ou longa (LIMA, 2009, p. 44-45).

Seus estudos buscam também apontar um caminho de como pensar a pauta na reportagem, justamente diante dessa possibilidade de mergulho e aprofundamentos. Para Lima (2009), o primeiro passo é compreender “que embutido na mensagem jornalística está o relato de um conflito” (p. 74). É preciso identificar esses conflitos, suas causas e efeitos, as disputas de poder e sentidos estabelecidas, mesmo que elas não apareçam como tal, pois por muitas vezes estão enraizados no interior da sociedade.

Detectar esses conflitos, circunscrever seu sentido, antecipá-los no tempo, buscar suas raízes na interação sistêmica estrangulada são tarefas nobres da reportagem que se proponha a ultrapassar a epiderme rasa dos fatos e penetrar no âmago das questões contundentes do nosso tempo, para proporcionar um conhecimento qualitativo da realidade ao homem contemporâneo. (LIMA, 2009, p. 80)

Além de indicar as possibilidades de alcance e amplitude, Lima também revela algumas liberdades do processo de apuração e produção no caso deste gênero. Vale destacar aqui o que ele chama de liberdade de angulação, pois para Lima (2009), o livro-reportagem é uma obra de autor, e sendo assim, seu compromisso é “com o esforço de estabelecer uma ligação estimuladora com seu leitor, valendo-se, para isso, dos recursos que achar mais convenientes, escapando das fórmulas institucionalizadas nas redações” (p. 83); e ainda a liberdade de fontes, já que sem o ritmo compulsivo do jornalismo diário, o leque de vozes se abre para o autor.

Além disso, o autor lança mão de algumas técnicas possíveis a serem utilizadas na produção de uma grande reportagem, e algumas delas tornam-se relevantes para refletir sobre a criação do trabalho aqui descrito. Começando pelas “entrevistas de compreensão”, Lima (2009) destaca que “a entrevista desponta no livro como uma forma de expressão por si, dotada de individualidade, força, tensão, drama, esclarecimento, emoção, razão, beleza” (p. 114). Lima também discorre sobre as “histórias de vida”, que podem aparecer no produto tanto no formato de uma entrevista clássica, ou seja, com a reprodução do diálogo entre fonte e jornalista, quanto na forma de um depoimento direto, ou ainda combinando os dois jeitos. Ademais, faz referência à uma “entrevista participante moderna”:

Os inovadores da imprensa [...] descobrem que não há como retratar a realidade senão com cor, vivacidade, presença. Isto é, com mergulho e envolvimento total nos próprios acontecimentos e situações, os jornalistas tentando viver, na pele, as circunstâncias e o clima inerente ao ambiente de seus personagens. Nasce a versão jornalística da observação participante moderna (LIMA, 2009, p. 122-123).

4.1 ENCONTRO COM O OUTRO, SUBJETIVIDADE E O LIVRO DE REPÓRTER

Um outro conceito que aparece e se relaciona com o livro-reportagem é o “livro de repórter”. Essa prática se volta também para o exercício da crítica aos moldes mais tradicionais do jornalismo, e volta o olhar para um caminho de resistência e de subjetividade. Neste movimento, assim como aponta Lima (2009), os e as jornalistas encontram mais liberdade em diversos aspectos, textuais e de produção.

A subversão dos modos de objetivação jornalística, em relação ao agente, pode ser observada nos livros de repórter como uma das ações de resistência: ao resgatarem a experiência do narrador, à fonte, ao ampliarem as vozes que compõem uma polifonia de fontes, à disciplina jornalística, ao possibilitarem uma reflexividade sobre a prática (MAROCCO; ZAMIN; DA SILVA, 2019, p. 38).

As autoras reforçam que, neste “gênero” jornalístico, ao contrário do que acontece no jornalismo diário, as fontes são geralmente menos conhecidas enquanto figuras públicas e por isso por vezes exigem mais tempo de busca, de localização, e de diálogo.

Elas destacam como as experiências do repórter e a subjetividade ali empregadas, por vezes até naturalmente, transformam a potencialidade da pauta e contribuem para que os acontecimentos sejam percebidos a partir de lugares diferentes (socialmente falando) e para que, assim, a reportagem seja construída de forma única, de maneira que gere, inclusive, a identificação do público.

Já olhando para o trabalho de outras e outros importantes jornalistas brasileiros, Caco Barcelos e Eliane Brum, as autoras percebem novamente a relevância da reportagem permeada pela subjetividade. Ambos demonstram preocupação com o envolvimento com a pauta e com as fontes, e fazem valer o “mergulho profundo” apontado por Lima (2009) como possível – e necessário – nos livros-reportagens.

Nas narrativas destes jornalistas percebo o quanto descrevem suas práticas jornalísticas sempre relacionadas com as dimensões que envolvem diretamente a subjetividade. Tanto a escuta quanto o olhar são instrumentos de apuração que pressupõem uma localização e uma limitação do sujeito pouco abordada nos manuais de redação e técnicas do jornalismo. Em oposição à noção positivista de objetividade impressa nestes manuais, o sujeito-repórter aparece na narrativa destes profissionais como elemento fundamental no processo cognitivo de interpretação da realidade – vastamente apagado da deontologia dominante. Percebe-se a possibilidade do rigor do método sem que a prática se restrinja ao cumprimento tecnicista e burocrático que, além de apagar o sujeito-repórter, muitas vezes se limita às fontes oficiais e à superfície dos acontecimentos. O corpo, a intuição, os sentires são parte intrínseca às práticas jornalísticas (DA SILVA, 2019, p. 269-270).

Para refletir sobre a subjetividade nas práticas jornalísticas que circundam o livro de repórter, as autoras recuperam uma entrevista de Eliane Brum em que ela se descreve como uma “escutadeira”, que faz poucas perguntas e se atenta para ‘o que’ e ‘como’ as fontes

contam. As autoras apontam, então, para “o quanto a subjetividade está intrinsecamente relacionada nos procedimentos de interpretação da realidade” (DA SILVA, 2019, p. 270).

Na verdade, o que fica perceptível é que, ao nos encontrarmos com o outro, enquanto jornalistas, encontramos também o nosso eu. Nossas percepções, histórias e experiências. E o que Brum e outras repórteres apresentam é como pode ser feito o esforço de se encontrar com o outro e o com o eu da melhor forma possível, de forma coerente com os procedimentos jornalísticos mas que não projete um “eu” imparcial, e sim um “eu” carregado de experiências, mas que deve se esvaziar como possível para receber outras histórias, percepções e pontos de vista. Deste modo,

A compreensão da relação Eu/Outro contribui para a subversão dos modos de objetivação jornalística. Resgata a condição de agência e a responsabilidade social dos profissionais para o cerne de suas práticas. E, em última instância, potencializa a ruptura com o processo de reprodução de valores sociais dominantes nos processos simbólicos de leitura da realidade, que transforma diferenças em desigualdades a partir dos sentidos gerados nos jornalistas quando na condição etnocêntrica.(DA SILVA, 2019, p. 273)

É claro que esta não é uma tarefa fácil. É complexa, até para grandes jornalistas, como Fabiana Moraes relatou em *O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem*. A jornalista se deparou com diferenças de classe, raça, sexualidade, na construção de sua reportagem e esse encontro que ela se propôs a fazer resultou em um grande trabalho, mas também em frustrações pessoais, o que acarretou importantes reflexões sobre novos caminhos da profissão. Contudo, as pesquisadoras lembram que “mesmo com um permanente exercício de alteridade, Fabiana ainda assim explicita o quão difícil é evitar um juízo de valor e se preencher pelo Outro” (DA SILVA, 2019, p.288).

Por fim, as autoras também indicam uma outra questão importante: admitir a subjetividade no trabalho jornalístico não é sinônimo de abertura para uma apuração malfeita, não exclui, de forma alguma, uma investigação rigorosa. O que deve se ter em mente é que é possível que a subjetividade e a objetividade se articulem para um bom trabalho jornalístico num livro-reportagem. Posteriormente na obra, conclui-se que

A subjetividade sobre a qual nos referimos neste jornalismo que busca ser mais integral se situa em critérios também objetivos: na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais, grupais; na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante (em nosso caso, a brasileira, fraturada pelo classismo e pelo racismo); na necessidade de olhar miúdo para entender como essas questões se traduzem nas pessoas, em como são devolvidas ao mundo; na procura de fissurar representações previamente dadas (ou fatos previamente dados); finalmente, em uma autocrítica do próprio campo assentado em bases positivistas e

também que privilegia narrar a partir de um enquadramento espetacular. (MORAES, 2019, p. 417)

4.2 ESTRATÉGIAS DO SENSÍVEL, DIÁLOGO E ESCUTA

A urgência de uma comunicação perpassada pelo sensível é tema dos estudos do sociólogo e jornalista Muniz Sodré. Para o autor, o agir comunicacional pautado em interações mecânicas e racionais deveria ser ultrapassado, ao passo que a diversidade a partir das trocas humanas em que se faz presente o afeto seja a estratégia adotada (SODRÉ, 2006). Ele explica que essa escolha trata-se

propriamente do que está aquém ou além do conceito, isto é, da experiência de uma dimensão primordial, que tem mais a ver com o sensível do que com a medida racional. É um caminho teórico que privilegia o emocional, o sentimental, o afetivo e o mítico (nisto foi pioneiro, aliás, Gilberto Freyre, ao incluir afetos, formas e até mesmo odores em suas análises da sociedade brasileira), considerando-os subjacentes. (SODRÉ, 2006, p. 12-13)

O afeto aqui diz respeito a um conjunto de estados ou tendências psíquicas provocadas pelo exterior de si, ou pode ser entendido ainda, de forma mais simplificada, como referente às emoções. O autor explica que no mundo moderno, o afeto passou a ser subjugado em relação à racionalidade, graças aos avanços no sentido de controle, da mecanização. Assim, para Sodré (2006), “no transe de sua quantificação científica e tecnológica, o mundo moderno começa a suspeitar mais fortemente dos afetos ou paixões, enquanto instâncias de confusão ou de uma desmedida socialmente indesejável” (p. 34).

Cremilda Medina e Eliane Brum, ainda que com algumas décadas de diferença entre si, corroboram com esse pensamento, e, assim como autor, se atentam à necessidade de encarar processos do jornalismo, mais especificamente a entrevista, como um experimento psicossocial. Medina (2008) explica, logo no começo de sua obra *Entrevista: um diálogo possível*, que “entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana se encarada como simples técnica” (p. 5). Já nesta afirmação, a autora destaca a importância de não se restringir a mecanismos tecnicistas, e explorar as possibilidades humanas ao falar de entrevista no jornalismo.

Medina também afirma que, de modo geral, o entrevistador ou entrevistado deve prezar por uma entrevista de compreensão e com profundidade, onde eles precisam também se

despir da objetividade tão pregada em veículos de comunicação mais tradicionais. Para a autora, a confiança do entrevistado ou entrevistada pode se dar a partir de uma postura sensível vinda do jornalismo, que pode ser demonstrada por exemplo, através do gesto, do olhar, da atitude corporal e das próprias palavras. Medina (2008) comenta ainda que as recomendações de distanciamento do jornalista para uma apreensão objetiva da entrevista funcionam mal, como um “sol tapando a peneira”, já que ambas as partes chegam naquele momento com seus imaginários e percepções, mesmo que evitando, e que a fonte pode se dar conta de tal nível de impessoalidade e agir da mesma forma: distante, o que prejudicaria todo o processo e o resultado final da reportagem.

Nesse sentido, Eliane Brum também escolhe percorrer por esse caminho, o caminho da entrevista sensível e atenta, que respeite o tempo e as palavras de cada entrevistado. Em entrevista a Agnes Mariano, a jornalista comenta sobre o cuidado que se deve ter nas entrevistas: “as nossas perguntas não atropelarem, tanto os sentimentos do entrevistado – colocar questões para as quais ele não está preparado – como fazer com que ele conte a história com as nossas palavras e não com as dele” (MARIANO, 2011, p. 316).

Além de contar sobre as possibilidades de se portar e se expressar, Eliane Brum explica, principalmente, sobre o exercício praticado da escuta. Segundo ela, muito se confunde no jornalismo o falar com dizer, e, da mesma forma, o ouvir com a escuta. A escuta a qual ela se refere é a escuta que também enxerga, que percebe os detalhes, e o que nem sequer é dito. Essa escuta pode ser colocada em prática quando não se interrompe, quando se está aberto para o espanto, quando se usa outros sentidos além da audição ao perceber, por exemplo, o local de onde ela fala (MARIANO, 2011). Brum explica que

Quando a pessoa fala, ela fala também com o seu corpo, fala com o seu olhar, fala com os seus gestos, fala com um monte de coisas. A realidade é complexa. E quando ela para de falar, ela não parou de dizer. Ela continua dizendo com o seu silêncio. Ela continua dizendo quando ela hesita. Ela continua dizendo quando ela gagueja. Ela continua dizendo quando ela não consegue falar. Essa escuta que é o nosso trabalho. A gente não está só escutando palavras, a gente está escutando toda a complexidade desse momento.(MARIANO, 2011, p. 310-311)

Embora as jornalistas evidenciem a entrevista, ambas ressaltam que o trabalho do diálogo não se resume a isso. Brum se refere, por exemplo, à importância de uma boa pesquisa sobre o local, o contexto ou o entrevistado antes do encontro, mas ao mesmo tempo equilibrar essas informações eliminando ao máximo pré-julgamentos e preconceitos e se abrindo para as surpresas ou para o que “não gostaria” de ouvir. “Eu tenho que saber muito para poder me espantar, não é? Senão, qualquer coisa vai me espantar. E não devia”, comenta a escritora (MARIANO, 2011, p. 319). Ela diz ainda sobre seu hábito de gravar, e principalmente, o de

anotar, inclusive aquilo que não foi falado mas que chamou atenção, como as pausas, desvios de olhares e gestos e movimentações corporais, e afirma que isso faz diferença na apreensão do material.

Já a respeito do processo de escrita, de transformar as entrevistas em textos jornalísticos, Medina é quem apresenta reflexões. Para a autora, neste momento as emoções da entrevista devem sim ser recuperadas, não de modo exploratório ou sensacionalista, mas como um resgate da sensibilidade do ser humano, sendo coerente com o entrevistado e ao mesmo tempo, conquistando a identificação do público, e mais que isso, estabelecendo uma linguagem jornalística. Ela explica que

O parto da emoção terá de ser substantivo; a emoção deve passar por meio da atmosfera narrativa da penetração sutil nas entrelinhas do diálogo, nos silêncios, nos ritmos de cada pessoa. Todos os artifícios da experimentação que a linguagem artística acumula e reinventa: essa, a fonte inesgotável de aprendizado para o comunicador social. Mas há neste compromisso social, ou melhor, no pacto de ampla difusão da comunicação coletiva, um outro dado: a clareza e a precisão do estilo. Aí se encontra a fronteira entre o experimentalismo totalmente livre na arte e o experimentalismo sob a medida do legível no jornalismo ou na comunicação. Um equilíbrio entre inovação a serviço da expressividade e clareza a serviço da eficiência da mensagem- o segredo do Diálogo Possível na formulação da entrevista, na estruturação de uma matéria e na definição do foco narrativo. (MEDINA, 2008, p. 83)

Tudo isso que é defendido pelas escritoras remete justamente ao que Sodré(2006) aponta como transformação necessária no jornalismo por meio das estratégias sensíveis, e faz referência ainda às possibilidades de encontro com o outro que se evidenciam no jornalismo seja por meio de entrevistas de compreensão, da observação participante, e da produção de reportagens de profundidade, por exemplo.

5. A COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO CAMPO

Cachoeira do Campo é um distrito da cidade de Ouro Preto. Com cerca de 9 mil habitantes, segundo a Secretaria de Turismo, é, na verdade, o maior entre os doze distritos ouro-pretanos para além da sede. Ouro Preto, com 74.824 habitantes, de acordo com último censo do IBGE, realizado em 2022, foi a primeira cidade brasileira a receber o título de Patrimônio Mundial, conferido pela Unesco, em 1980. Essa é uma das razões que tornam Ouro Preto um relevante local de pesquisa e potencial tema para produções, principalmente aquelas relacionadas aos sujeitos que ali vivem e constroem, no cotidiano, a continuação da história que começou como Vila Rica.

Contudo, o olhar para Ouro Preto não deve se restringir apenas à sede do município. Cada distrito tem suas próprias características de formação, tem diferentes atuações econômicas, apresenta expressões culturais tradicionais distintas e comunidades com suas identidades, memórias e histórias específicas. Entre as cidades vizinhas, Mariana e Itabirito, se espelham Amarantina, Antônio Pereira, Cachoeira do Campo, Engenheiro Correia, Glaura, Lavras Novas, Miguel Burnier, Rodrigo Silva, Santa Rita do Ouro Preto, Santo Antônio do Leite, Santo Antônio do Salto e São Bartolomeu. Antônio Pereira ocupa a terceira colocação dentre os mais populosos - atrás da sede e Cachoeira, com cerca de 5 mil habitantes, e Engenheiro Corrêa ocupa o último, com pouco menos de 500 pessoas vivendo ali.

Cachoeira do Campo se distingue desde a sua formação: ela não se destacou por sua riqueza mineral, mas sim pelo seu clima ameno e seu potencial agrícola (FONSECA, 2015). Nas corridas por busca de metais e outras riquezas minerais, foi possível identificar uma busca por caminhos, ora para fugir das rotas mais fiscalizadas, ora para encontrar mais áreas para exploração do ouro. Cachoeira do Campo faz parte da região que já na época borbuhlava mineração e desenvolvimento, a antiga Vila Rica. O local se destacou por ser uma posição estratégica de contato com outras áreas e também pela amenidade do clima e, consequentemente, fertilidade do solo (MEMÓRIA ARQUITETURA, 2006).

Os relatos orais de como a vila começou se misturam com as fontes documentais e descrevem uma trajetória parecida. Existem indícios de que a bandeira – termo usado para designar grupos de expedição assassinas no Brasil Colonial – de Fernão Dias Paes teria passado pela localidade e já se impressionado com as paisagens naturais e com as águas límpidas da região, nomeando-a como *Cachoeyra*, em 1674. Já o primeiro morador, de fato, teria sido Manoel de Melo, em cerca de 1680. Contudo, o distrito só foi oficialmente registrado como tal em 1836, por uma lei provincial.

Os contos tradicionais passados de geração em geração revelam também uma história que se relaciona com a santa católica que é considerada padroeira da cidade. O relato é que, quando Manuel chegou, ele trazia consigo uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré, e ao passar pela região, uma das carroças que ao grupo pertencia emperrou, sinalizando que a santa gostaria que ali se estabelecessem. Ele passou, então, a fixar moradia pela área. Anos depois, a santa foi homenageada com uma igreja, a Matriz de Nossa Senhora de Nazaré.

A igreja em questão, datada de 1724, é considerada uma importante expressão da arte barroca, tombada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1949, com pintura de teto de Antonio Rodrigues Belo. Além disso, há pinturas do mesmo, e restauro assinado pelo importante restaurador Jair Afonso Inácio, em 1951.

A praça que abriga a igreja, conhecida como Praça da Matriz, mas que é nomeada, na verdade, como Praça Felipe dos Santos, reúne também um casarão do século XVIII, o Solar dos Pedrosa, que hoje encontra-se escorado em barras de ferro e passando por um processo de restauro, que esteve estagnado nos últimos quatro anos, mas que agora apresenta previsão de término em 2023 pela Secretaria de Cultura do município; a sede da 2ª banda civil mais antiga do Estado de Minas Gerais em trabalhos ininterruptos, a Banda Euterpe Cachoeirense, criada em 1856; e um armazém com cerca de 200 anos de história, oficialmente “Casa Viúva Xavier”, administrada atualmente por Wilson Xavier.

O local foi também palco da Guerra dos Emboabas, conflito entre os bandeirantes e emboabas, grupo de portugueses e outros imigrantes pelo direito de exploração das minas de ouro. Em 1708, os emboabas atacaram os paulistas e saíram vitoriosos, e assim, Manuel Nunes Viana se autodeclarou Governador de Minas, o primeiro da história. Não bastante, em 1720, Felipe dos Santos foi enforcado por liderar protestos contra as cobranças da coroa portuguesa.

Além disso, outras construções se destacam como históricas no distrito. O Palácio de Verão dos Governadores, também chamado de Casa de Campo dos Governadores, foi erguido na década de 30 do século XVIII. "A residência oficial dos políticos da capitania tinha como atrações principais cascatas, lago artificial, além de uma ostentosa arquitetura. A partir de 1911 a edificação se transformou em internato da Congregação das Irmãs Salesianas". (MEMÓRIA ARQUITETURA, 2006). Hoje, o local funciona como a Escola Estadual Nossa Senhora Auxiliadora, que atende cerca de 500 alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Já o Centro Dom Bosco funcionou como Quartel do Regimento de Cavalaria de Minas Gerais em 1779, embora sua história esteja ligadas a episódios marcantes de Minas Gerais, como a Revolta de Filipe dos Santos (1720), a Inconfidência Mineira (1789) e a Sedição

Militar ou Revolta do Ano da Fumaça (1883), segundo o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA). O local que é, na verdade, um conjunto arquitetônico e arqueológico, com casarões, teatro, curral, casebres, ponte e antiga serraria hidráulica, funcionou posteriormente como Coudelaria Imperial, isto é, local para criação e "aperfeiçoamento" de cavalos; escola mantida por padres salesianos, quando ganhou o conhecido nome de Colégio Dom Bosco; e mais recentemente, alojamento de funcionários de empresa privada. O conjunto foi tombado como patrimônio estadual pelo IEPHA em 2014, mas atualmente encontra-se em estado de desuso e abandono, o que preocupa a comunidade e representantes, sendo pauta na Câmara Municipal de Ouro Preto em 2022, levando inclusive a requerimentos formais de alguns vereadores, mas sem novas expectativas de transformações reais.

Percebe-se o quanto a história de Cachoeira é rica e singular, mas ainda assim extremamente negligenciada, com poucas ações de repasse desse conhecimento à população e de valorização da memória da comunidade, ou mesmo de seus bens comuns. Na obra *Festas Religiosas: inventários dos distritos de Ouro Preto (MG)*, é explicado ainda como se deu a formação do distrito no século seguinte à sua criação:

Cachoeira de Mello, Nossa Senhora dos Campos de Minas e Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo. Ao longo desses mais de três séculos de existência, a localidade singularizou-se pela destacada posição de fornecedora de mantimentos para a sede Ouro Preto e adjacências. Isso porque Cachoeira do Campo não apresentava grandes riquezas minerais como os demais locais, especializando-se portanto, nas produções de gêneros agrícolas e nos tratos de rebanhos pecuários. Os anos oitocentos testemunharam uma diversificação nas atividades econômicas: manufaturas transformavam couro[...], as fabricações de telhas, tijolos e louças eram viabilizadas pelas matérias primas da cerâmica, do calcário, ouro e topázio; e ainda se destacava uma espécie de cultura predominante da farinha de mandioca (MEMÓRIA ARQUITETURA, 2006, p. 4).

Ainda sobre as características de sua formação, há informações de que em 1831, “o distrito contava com uma população de 1.476 indivíduos, que viviam em 229 domicílios, onde havia uma população de 310 escravos (21%). O perfil racial da população registrava uma pequena parcela de brancos e um predomínio dos negros” (FONSECA, 2015, p. 159). Mais uma vez é possível perceber uma perda considerável da memória e identidade dessa comunidade, se pensarmos que não há, por exemplo, espaços dedicados à preservação dessas raízes do povo negro.

Há ainda que considerar que esse processo em nada garantiu uma boa qualidade de vida para todos, ou mesmo um equilíbrio social de distribuição de renda. Ao contrário disso, como é destacado na produção do grupo Memória Arquitetura (2006)

Posteriormente, a agricultura e a pecuária se desdobraram na grande indústria, campo e cidade passaram a compor o complexo agro-industrial. É uma relação tensa, contraditória e conflituosa, é verdade, mas tudo isso se constitui ao lado de amplas áreas de agricultura familiar e de rica e diversificada produção artesanal. Mais que diversificada, essa economia expressa uma brutal desigualdade, posto que se caracterizou historicamente por ser concentradora de renda e da riqueza, marginalizadora e excludente (p. 4).

Cruz (2013) é outro pesquisador que se atenta ao crescimento demográfico na região de Ouro Preto e seus distritos, especificamente nas décadas anteriores, e aponta como Cachoeira recebeu moradores ao longo dos anos de 2000 a 2010, chamando atenção em relação a outras localidades. Ele afirma: “é possível destacar a evolução de Cachoeira do Campo, pois esse distrito apresentou os índices mais altos tanto com relação ao seu próprio crescimento, como no crescimento em relação ao município” (p. 19).

Atualmente, Cachoeira do Campo segue com características evidentes de um crescimento populacional, mas ainda com problemas infraestruturais que revelam que o distrito é enxergado em segundo plano tanto pela administração municipal quanto pelos veículos de comunicação. Com grandes construções concentradas numa única praça ou próximas à rodovia que dá acesso a Ouro Preto desde sua criação, bairros marginalizados ou comunidades mais afastadas acabam desfrutando de diferentes oportunidades de acesso à infraestrutura, educação, saúde e lazer, e conseqüentemente se organizam socialmente de forma diferente, vivenciando diferentes realidades e sendo lar para histórias que se distinguem, mesmo dentro de um município.

6. O PRODUTO

6.1 PAUTA ESTENDIDA

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADICHIE, 2019, p. 16)

Um dos principais objetivos de produção, além de explorar a possibilidade de aprofundamento e a certa liberdade de recursos textuais da reportagem, já discutidos aqui, é mostrar, através das páginas do livro, algumas realidades de Cachoeira do Campo, desde sua região central até os locais mais marginalizados – fisicamente falando, mas também se referindo a suas estruturas.

Pensando nisso, uma escolha importante deveria ser feita: como traduzir essas tantas realidades nas reportagens? A primeira opção enxergada foi produzir reportagens sobre um ou dois bairros de cada vez, mas as pesquisas e apuração para uma pré-pauta, unidas a uma preferência narrativa, conduziram a uma outra possibilidade, a de escrever reportagens temáticas que perpassam as relações das pessoas com os locais onde vivem e, assim, traçar um panorama que abarcasse, ao mesmo tempo, as identidades e memórias de alguns cachoeirenses e as características culturais e cotidianas de determinados bairros ou regiões.

O primeiro capítulo apresenta a Praça da Matriz, sua história e como ela se tornou cenário de Cachoeira no cotidiano. O segundo narra a vida de artesãos que hoje vivem no distrito e discute a Praça do Artesão, localizada às margens da Rodovia dos Inconfidentes. Depois disso, é a vez de conhecer o CAIC Haydée Antunes, escola com o maior número de alunos na rede municipal, e as histórias que fazem parte dele. A quarta reportagem investiga o passado da localidade do Madureira, e imagina como pode ser seu futuro. O futebol em Cachoeira do Campo, em suas diferentes épocas, protagoniza a última reportagem.

6.2 FOTOGRAFIA: MEMÓRIA E INFORMAÇÃO

A produção do livro de repórter é acompanhada por fotografias. O fotojornalismo, que teve suas primeiras manifestações em meados do séc. XIX, é uma prática consistente no jornalismo diário, mas também vai ao encontro dos objetivos da reportagem, já que “muito além de informar, a fotografia provoca diversos sentimentos e reações” (FORECHI et al, 2020, p. 25). Assim, os autores explicam que

Uma foto com valor informativo pode ainda despertar questionamentos, críticas e trazer informações nas “entrelinhas”. Tudo depende do olhar sensível do fotógrafo. Assim, muitas vezes, vemos que a informação na imagem divulgada por jornais, revistas e portais sensibiliza o leitor de diferentes formas: seja pelo lado humanístico ou mesmo poético da imagem, ou então pelo caráter político, ideológico que a imagem carrega, seja por realçar uma situação “negativa” que leva ao choque do leitor. (FORECHI et al, 2020, p.25)

Além disso, a fotografia e o fazer fotojornalístico podem ser consideradas uma forma de documentação já que são representações de acontecimentos, pessoas ou lugares, e se constituem como um modo de resgate e preservação de memórias. A fotografia atua, então, como registro, mas ao mesmo tempo como dispositivo de retomada do imaginário do passado.

É justamente esse entrelaçamento da memória com a imaginação que possibilita, inclusive na experiência do fotojornalismo, trazer o passado para mais perto. Ao nos depararmos com determinadas imagens, não só visualizamos cenas vivenciadas por outros, como ficamos passíveis de experimentar sensações próprias já adormecidas. (FARACHE, 2008, p. 15)

Para Farache (2008), diferente das fotografias encontradas nos álbuns de família, por exemplo, que aciona memórias individuais daquele momento retratado, o fotojornalismo, principalmente o fotojornalismo moderno, possibilita a manutenção de uma memória coletiva, social. E isso não quer dizer que o fotojornalismo se restrinja à fotografia de momentos históricos ou que façam parte de um entendimento coletivo. Ao contrário, a fotografia que documenta o cotidiano é regular em grandes nomes do fotojornalismo, afinal, uma das grandes motivações da prática desde o século XX é “o desejo de conhecer o outro, de saber como o outro vive, o que pensa, como vê o mundo, com o que se importa”(SOUSA, 2000, p. 48).

6.3 PROJETO GRÁFICO

Como uma alternativa para apresentar as referências visuais que serão utilizadas no projeto gráfico e ainda definir a expectativa de atmosfera em relação à identidade visual do produto, foi criado um *moodboard*. O quadro em questão apresenta um *briefing* da paleta de cores, de texturas, e ainda outras imagens que carregam alguns sentidos a respeito do produto.

Figura 1- Moodboard referências visuais



Fonte: elaboração da autora

O bordado aparece porque, enquanto uma expressão artística muito tradicional, consegue despertar algumas sensações como o aconchego, a sabedoria e o afeto, o que de certa forma vai ao encontro da proposta do livro. Além disso, é possível enxergar grande relação do bordado com a escrita e até, mais especificamente, com o processo de apuração das reportagens: é preciso escolher caminhos, traçar rotas, costurar ideias para dar vida a algo maior. Bem próximo às figuras do bordado está o mapa de Cachoeira do Campo. Além de oferecer um panorama visual do distrito, também se relaciona com a proposta do produto, que é contar histórias de Cachoeira do Campo por inteiro, do centro às margens.

Outras imagens presentes no quadro são fotografias de Cachoeira do Campo e da sede de Ouro Preto, que evidenciam a escolha das cores para a identidade visual. Em todas elas é possível reparar a presença de cores com tons quentes, com as combinações do laranja, do amarelo e do vermelho. Este “amarelo ouro” é a cor da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, principal igreja do distrito, junto com o branco, assim como tantas outras igrejas e capelas da região, por isso é uma cor que logo se associa a fotografias de Cachoeira do Campo, mas além disso, as cores apontadas também remetem ao pôr do sol, que se destaca na região pela paisagem moldada pelas montanhas. Aparecem também uma pintura da artista Stacie Monday, da cidade de Tulsa (EUA), encontrada no site Pinterest, que representa, segundo ela, o conceito de identidade; uma fotografia feita em Ouro Preto pelo artista mineiro Marcelo

Santos, que realiza um trabalho de fotografia de rua; e a capa do álbum *AmarElo* do rapper, cantor e compositor brasileiro Emicida, que também aborda, de certa forma, o cotidiano. Todas essas figuras fazem referência não só às cores mas também à atmosfera do produto.

Como aparece na obra *A Psicologia das Cores*, “tão importantes quanto a cor mais frequentemente citada são as cores que a cada vez a ela se combinam. O vermelho com amarelo e laranja tem outro efeito do que o vermelho com preto ou violeta” (HELLER, 2013, p. 24). Sendo assim, as cores no quadro formam uma paleta mais próxima aos tons terrosos, que variam entre marrom, caramelo, marsala, coral, areia, e suas nuances, enfim, todas as cores que se associam à terra. As sensações acolhedoras, e a ideia de uma produção autoral e atemporal que essa cores também trazem, são exatamente algumas das propostas do livro.

7. DIÁRIO DE BORDO

Eu fiz uma escolha arriscada sobre meu TCC, que, em retrospecto, não sei se repetiria. Dediquei a disciplina do TCC 1 inteira ao memorial descritivo e só comecei, de fato, a apuração e escrita das reportagens durante a disciplina de TCC2. Lembro de ter perguntado na banquinha, e outra vez à minha orientadora, como deveriam ser escritas as reportagens. Um livro-reportagem ou mesmo um livro de repórter delimita alguns parâmetros de escrita e exige um fazer jornalístico, é claro, mas de um modo geral oferece liberdade à autora. Eu queria saber se eu deveria adotar uma linguagem formal ou mais informal, se eu seguiria uma temporalidade na escrita, como eu me colocaria enquanto autora e moradora do distrito, como entrariam falas das fontes, se os textos estariam abertos ao humor ou se eu deveria optar por uma maior rigidez na escrita, enfim, queria, no começo, que houvesse um manual, um padrão para seguir, assim como no memorial. E não, não havia. Todas as vezes que perguntei, ouvia a mesma resposta, que deveria “ir sentindo” a cada reportagem.

Assim, decidi seguir meu instinto, explorar o máximo de detalhes na apuração, para poder me sentir livre e com possibilidades de recortes na escrita. Começando pela reportagem do futebol, parei numa segunda-feira com tudo muito fresco do que tinha vivido no final de semana, a final do Cachoeirão, e comecei a escrever. Escrevi sem parar, e em algumas horas tinha quase 10 páginas de texto corrido. O que eu havia feito era uma narração cronológica do jogo, mas eu gostei. Eu conseguiria, dali, espaço para acrescentar mais informações. Aos poucos, fui enxugando alguns detalhes da partida, que deixaram de ser tão relevantes, e encontrando nos materiais decupados, outras curiosidades e depoimentos do time. Depois, precisei de novas entrevistas, mas a estrutura da primeira parte da reportagem “Que coisa linda é uma partida de futebol” foi escrita em apenas algumas horas. Lembro de ter pensado “se todas forem assim vai ser mole”. Obviamente não foram.

A segunda reportagem que passei a escrever, antes mesmo de finalizar a primeira, que começou tão bem e depois parecia não ter fim e nem solução, foi sobre a Praça da Matriz. No segundo período da faculdade eu havia escrito uma reportagem sobre o mesmo tema, mas sabia que eu poderia aprofundar muito mais, conhecendo outras fontes e personagens. No entanto, para a estrutura, decidi fazer algo parecido com o que fiz da primeira vez. A narrativa seguiu a ordem geográfica dos espaços em relação ao seu posicionamento na praça. A reportagem vai passando de imóvel em imóvel, contando sobre sua história, suas curiosidades, sua situação atual, até se distanciar ao máximo da igreja.

Uma questão que me incomodou, da primeira vez que escrevi sobre a praça, é que não consegui explorar tanto os estabelecimentos atuais e o que eles representavam para a população, então isso não poderia faltar na nova reportagem. Deixei para o final, para que o leitor pudesse se despedir do século passado e se concentrar no presente. Escolhi basear a narrativa dessa parte num dia de domingo, que, para mim, é um dia com cara de praça. O texto continua dando as coordenadas de onde estava, mas a partir de então seguiu a cronologia da manhã: primeiro a missa, depois o café, e por fim o almoço. Quando Karina corrigiu, me sugeriu fechar o texto com uma visão panorâmica que transportasse o leitor ao cenário. Ela me pediu para imaginar como seria a descrição de um ponto bem alto da praça, mas eu tive a possibilidade de ir até ele, na torre da igreja onde fica o sino. Foi a ajuda perfeita para conseguir finalizar do jeito que a reportagem merecia.

A terceira reportagem escrita foi a do CAIC. Neste caso, escolhi fazer uma divisão por setores da escola, que também segue uma certa ordem geográfica (do portão de entrada até as últimas salas, da educação infantil), mas não se restringe a ela. Um fato muito interessante sobre essa reportagem é que eu passei duas semanas visitando a escola e vivendo horas de imersão, e de tão envolvida, comecei a escrever antes mesmo de todas as entrevistas. Foi tentando prever como escreveria e estruturaria a reportagem que percebi que faltava algo. Sentia que minhas entrevistas me direcionavam a um texto muito descritivo, mas raso. Eu conseguiria sim, contar sobre o funcionamento da escola, mas o que eu queria é que as profissionais com quem conversei fossem valorizadas no texto, que tivessem destaque. Essa observação me levou a re-entrevistar algumas fontes, cinco delas, para perguntar mais sobre quem elas eram, o que faziam fora dali, como se sentiam no trabalho, e acredito que essas respostas me possibilitaram um texto mais envolvente, fluido e até sensível.

A quarta reportagem escrita foi a dos artesãos, e essa foi bem diferente das outras. Eu esperava me aprofundar na parte socioeconômica e de rotina do trabalho do local chamado “Praça do Artesão”, que deveria ser o polo de referência em arte e artesanato do distrito, mas eu não encontrava os artistas por lá, e sim vendedores e lojistas. Eu conversei sim com algum deles, mas muitos me indicaram os endereços das oficinas/ateliês para encontrar os artistas, alegando que eles teriam mais informações e histórias para contar.

O primeiro artista que entrevistei foi Rodolfo, que é pai do meu namorado, e antes de procurar as oficinas pela cidade, comecei a escrever sobre ele. Foi um processo natural, mas quando vi, o texto se parecia muito com um perfil. Eu fiquei me perguntando se essa estrutura seria um problema para o tipo de produto que escolhi, mas continuei apurando e estava disposta a mudar se assim fosse necessário. O segundo artista que visitei, como na ordem do

capítulo, foi o Arthur, que, mais uma vez, era uma pessoa muito singular, contraditória, que me surpreendeu com seus questionamentos e crenças sobre a vida: um recifense que não quer mais saber de praia, um católico que não faz mais escultura de santo para não discutir com a filha evangélica, um artesão que não se imagina fazendo outra coisa mas não aconselha ninguém ao fazer o mesmo. Mais uma vez minha escrita me levou ao perfil. Eu aceitei e fiz o mesmo com outro entrevistado, por acreditar que eles, de forma distinta, representam tantos outros artistas do distrito.

Por fim, escrevi sobre o Madureira. Foi a escrita mais rápida porque já estava muito próxima ao prazo, mas não queria de forma alguma perder a riqueza de detalhes da narração que caracterizava as outras. Mas, para a estrutura, misturei um pouco de tudo. São poucos personagens, então me aprofundo na vida de cada um deles como no perfil. Precisava localizar o leitor, então o recurso geográfico da visão panorâmica é utilizado em alguns momentos, e também precisei seguir uma cronologia, mas esta reportagem vai e volta com a troca de personagens, porque foi a estratégia que encontrei para que o texto não ficasse monótono. Como nessa reportagem eu praticamente não contei com fontes documentais, precisava que a passagem de tempo através das histórias das fontes fosse capaz de suprir essa ausência e possibilitasse ao leitor uma localização temporal, por isso as idades aparecem com certa frequência.

Aliás, sobre a busca de fontes documentais desta reportagem, houve um episódio que vale a pena compartilhar. Tudo que tinha encontrado, até então, eram uma ou duas notícias sobre o cemitério, e também tive acesso a lista de cópias de certidões de óbitos das pessoas sepultadas no Cemitério do Madureira, armazenada na Secretaria de Obras. A Paróquia Nossa Senhora de Nazaré não encontrou nada nos arquivos, mas me indicou contato com a Arquidiocese de Mariana. Fiz as ligações, enviei alguns e-mails, e então o Arquivo Eclesiástico me avisou que havia encontrado documentos que pareciam bater com a descrição da Igreja de Santo Antônio do Madureira. Era a Igreja de Santo Antônio do Monte, e eles imaginavam que o nome poderia ter sido trocado ao longo dos anos. Passei horas folheando aquelas páginas de papel envelhecido, com luvas e máscaras, com todo o equipamento apropriado, e consegui visualizar exatamente as descrições que aquelas palavras faziam. Só a noite, em casa, me lembrei de fazer uma das coisas que mais se repetia durante a apuração, mas que por algum motivo- talvez por ter me agarrado à esperança- não havia feito: *dei um google*. E lá estava, a Igreja de Santo Antônio do Monte, em outro distrito de Ouro Preto. Foi um aprendizado e tanto sobre frustração, mas também sobre a busca de outras alternativas.

Enfim, com o resultado dos meses de trabalho em mãos, é engraçado olhar pra trás e perceber que muitos movimentos de escritas foram naturais, mas outros foram realmente escolhidos e alguns foram minha única solução. Ao mesmo tempo, é um alívio saber que o jornalismo possibilita tantas alternativas de apresentar a realidade em diferentes estilos, e que pude explorar essas alternativas durante o Trabalho de Conclusão de Curso, com o apoio da minha orientadora. Agora que falamos sobre o processo de escrita, deixo a seguir alguns episódios para ilustrar o processo de apuração, e que conseguem mostrar também um pouco de como foi apurar no lugar onde cresci, com tantos conhecidos e com desconhecidos que passarei a ver frequentemente, por morar no mesmo distrito.

Subida na torre (agosto de 2022)

A Praça da Matriz sempre foi cenário de acontecimentos importantes na minha família, e a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré também. O casamento dos meus pais, meu batismo, primeira eucaristia, encontros de crisma e tantas missas na infância. Mas já fazia tempo que eu não entrava lá. Mesmo antes da pandemia, fazia alguns anos que não frequentava a igreja. Cheguei às 14h, sem avisar ninguém e nem marcar horário. Havia ligado na paróquia e perguntado o horário de funcionamento. Entrei e me deparei com dois homens. Um deles de joelhos e cabeça baixa, portanto supus que estava orando, e outro varrendo. Este era Nilsinho, que já foi minha fonte na primeira reportagem que fiz no curso, em 2018, e é também conhecido da minha família. Ele tem a mania peculiar de chamar muitas meninas e alguns meninos de sobrinha e sobrinho, o que nunca gostei.

– “Oi sobrinha, tá sumida”, falou rápido com um sorriso no rosto.

– “Ei Nilsinho tá jóia? Tô precisando conversar com cê!”, respondi com um sorriso também.

Expliquei o trabalho e ele prontamente começou a, mais uma vez, mostrar detalhes da igreja. Muita coisa eu lembrava, mas haviam várias informações que pareciam novas. Novamente ele me mostrou o túnel subterrâneo na sacristia da igreja que dava acesso a outros imóveis no passado, e pela segunda vez não quis me aventurar a entrar, porque achei perigoso. Ele perguntou então se eu gostaria de subir as escadas e conhecer o espaço reservado ao coral, que está em desuso, e a torre da Igreja. Dessa vez eu aceitei.

O acesso acontece por fora, abrindo um portãozinho estreito que ele tem as chaves e subindo aquela escadaria íngreme. Na primeira curva, o segundo andar. A vista é bonita, o ouro reluz ainda mais. Olhei pela janela e vi a praça do alto, fiquei ainda mais curiosa e continuamos a subir até o fim da torre. O acesso fica ainda mais difícil e mesmo com meus

1,54m de altura precisei abaixar para não bater a cabeça. Primeiro escureceu, e depois veio a claridade do topo. Lá estavam os dois sinos, e a praça inteirinha. Atrás, as montanhas e casas de outros bairros. Nilsinho me mostrou como toca o sino.

– “Vai assustar o povo com esse sino, Nilsinho”, disse preocupada.

– “Ah, não vou bater com força não, só pra você ver como funciona.”

Fiquei encantada com aquilo. E também admirada em como ele consegue se movimentar num espaço tão pequeno. Eu mesma fiquei congelada num canto e mal consegui apontar a câmera para fora. Deixei pendurada no pescoço e olhei em volta mais uma vez. Eu nunca tinha visto Cachoeira assim.

Tretas do futebol (janeiro de 2023)

“Noeles foi o melhor jogador que já teve aqui em Cachoeira, disparado”. Palavras do meu pai. Eu contei pra ele que ia entrevistá-lo para uma das reportagens e foi o que eu ouvi. Também já tinha escutado comentários parecidos em outras ocasiões. Entrei em contato com Noeles e marcamos uma entrevista para a semana seguinte, ele me receberia em sua barbearia, onde trabalha nas folgas do posto de gasolina Painha. Eu quis explicar para ele que meu principal foco era o futebol feminino, e o único time de futebol feminino que encontrei “em atividade” em Cachoeira foi o treinado por ele. Ele me disse que separaria algumas coisas pra me mostrar. Cheguei, e lá estava ele, próximo à porta. Cumprimentou minha mãe, que foi me deixar de carro, e entramos. Ao lado de um sofá, havia um cooler, apoiando um notebook.

Começamos a conversar e em pouco tempo chegou um homem, em silêncio. Disse oi e ele se sentou na cadeira de barbear, então achei que era um cliente. Noeles não falava nada e o homem também não, então tive que dizer: “Noeles, se você precisar resolver alguma coisa com ele, pode ficar à vontade!”. E os dois trataram logo de explicar que ele também fazia parte do projeto de aulas gratuitas de futebol.

Passamos horas ali, ele me contando histórias, me mostrando fotos, vídeos, medalhas, equipamentos. E nada de futebol feminino. Quando tentava aprofundar no assunto, em poucas frases ele concluía o assunto. Comecei a me perguntar o que faria com tanta informação legal, mas tão fora da angulação que desejava. No fim da entrevista, voltei a explicar para ele que essa apuração fazia parte de uma reportagem maior, onde falaria sobre os times mais antigos, sobre os mais novos, sobre o campeonato do distrito e sobre o futebol feminino, e que o processo jornalísticos exige escolhas, por isso nem tudo o que ele falou faria parte da reportagem, mas que assim que pudesse ajudaria na divulgação do projeto de alguma outra forma. A resposta dele veio em forma de pergunta:

- “De que time antigo de Cachoeira você falou?”
- “Cruzeiro do Sul.”
- “E o Progresso?”
- “Não ia dar pra falar dos dois, optei pelo mais antigo, é o mais velho até da Liga de Ouro Preto.”
- “Você tá ferrada, o pessoal vai te cobrar o porquê falou de um e não falou de outro. O pessoal do Progresso vai ficar revoltado.”
- “Ai Noeles, vou ter que arcar com as consequências”, disse rindo, mas no fundo preocupada.

Mergulhando no cotidiano de uma escola (outubro de 2022)

Cheguei super nervosa pra passar a primeira manhã no CAIC. Carol abriu o portão pra mim, e eu disse que depois voltava para conversar com ela. Andei um pouco pela escola, a maioria dos alunos em sala e os professores também, então avancei para a parte da Educação Infantil. Lá estavam algumas crianças brincando e comecei a tentar conversar com uma das professoras. Entre pausas para amarrar o cabelo, amarrar tênis e pegar no colo, Silmara conseguiu me contar como é a rotina com eles. Fazia muito tempo que não via tanta criança junta assim. Essas eram crianças de mais ou menos 3 anos, mas eu ainda queria saber mais sobre o berçário. Quando fui até a sala, a turma estava de saída. Hora de passear pela escola. Mais ou menos em fila foram andando. Havia uma menina tão pequenininha que mal conseguia dar os passos sem ajuda, era a mais nova do grupo. À medida que o bonde dos bebês iam passando, apareciam irmãos, primos, ou alunos que queriam ajudar.

Retornamos e percebi que o longo passeio deixou os bebês exaustos. Eles já estavam se posicionando para deitar nos colchonetes. Decidi entrar na sala pra ver de perto, era hora de trocar fraldas. Fabiana coloca o neném no balcão, tira a fralda suja, pega lencinho umedecido, coloca a fralda nova. Cada um tem os seus utensílios. Depois de trocados, eles se sentaram um ao lado do outro num tapete encostado na parede. Uma criança começou a chorar, mas Fabiana estava ainda na troca de fraldas, e a outra cuidadora lavando as mãozinhas de cada um na pia ao lado. A bebê foi em direção a Fabiana, pedindo colo, mas suas mãos estavam ocupadas, então ela pediu à menina para se acalmar, se sentar e esperar um pouquinho que ela já ia. Ela me avistou e veio em minha direção. Estendeu os braços. “Posso pegar ela?”, perguntei. Fabiana respondeu que sim. Ela sentou no meu colo e rapidinho foi parando de chorar. Virava a cabeça pra cima pra me olhar de vez em quando e

sorria. “Esses meninos que chegaram depois da pandemia parecem estar ainda mais carentes”, comentou Fabiana.

A pandemia era uma questão para todos os professores, sem exceção. Mais tarde fui conversar com Rinaldo, coordenador, e ele disse que ainda estava entendendo como tudo estava funcionando com o retorno presencial. Eram muitas queixas, dos professores, dos alunos, dos pais, e eles ainda não sabiam muito bem o que mais fazer. Quando a conversa acabou, era hora do almoço, e me ofereceram um arroz com feijão com uma cara ótima na cantina, mas já tinha combinado de almoçar em casa.

Fotos no castelo do vizinho (janeiro de 2023)

Um dos mais importantes artesãos de Cachoeira mora a alguns metros da minha casa e eu não sabia. Há uma casa na esquina que sempre achei linda, quando eu passava em frente, mais nova, imaginava que fosse um castelo. É uma casa bem grande, e da rua dá pra ver o segundo andar claramente, com largas e altas janelas de pedra. A casa é cercada por um quintal cheio de plantas, com muito verde e algumas outras cores.

Conheci a casa e os moradores quando fui entrevistar Libório, na semana anterior. Eu não estava com equipamento fotográfico durante nosso primeiro encontro, mas disse a eles que voltaria depois para fazer algumas fotos. Mandeí mensagem para Dôra no WhatsApp, no começo da semana, e marcamos o segundo encontro para a quinta-feira à tarde, mas chegou no dia e ele não me atendia ou respondia mais. Resolvi ir mesmo assim. Cheguei lá e gritei por eles, já que a casa não tem companhia. Ninguém atendeu mas Juma escutou, olhou de longe com os rabinhos balançando. “Juminha, vai chamar o Seu Libório pra mim.” Ela não entendeu nada e veio correndo na minha direção, enfiando o focinho no vão do portão para me cheirar. Gritei alto mais uma vez e então Libório apareceu.

Fizemos algumas fotos na sua oficina, outras com obras prontas, e depois pedi para ele se posicionar bem na porta da sala, e pra Juma participar. Queria também que a dona Dôra aparecesse, mas ele avisou: “Ela vai viajar, aí tá se arrumando toda, arrumando o cabelo, a sobrancelha e arrumando a mala, tá toda metida”. Mesmo assim tentou chamá-la, ela apareceu e disse: “Ô minha filha, pode fazer as fotos só com ele mesmo, que eu to arrumando minhas coisas ali, e ele que é a estrela”. Libório me pediu a câmera emprestada para poder fotografá-la de surpresa. Pendurei no pescoço dele, ensinei onde apertava: “Olha, olha que essa câmera é da faculdade, cuidado”. Ele chegou de fininho na porta do quarto, mas não conseguiu disparar. Dona Dôra viu e veio xingando, mas com um sorriso no rosto.

– “Deixa eu fazer uma foto de vocês dois”, pedi. E ela topou.

- “O quarto tá uma bagunça porque vou viajar e ele querendo tirar foto”, seguiu se queixando.
- “A senhora vai viajar pra onde?”, perguntei curiosa.
- “Aparecida do Norte, ele não quis ir.”
- “Ela fez escova, fez unha, olha como tá toda arrumada pra me deixar aqui sozinho”, disse Libório.
- “Você que não quis ir, né, Libório?!”, respondeu Dôra.
- “Ô dona Dora, foi por isso que a senhora não me atendeu hoje né? Tava ocupada...”, supus.
- “Não, é que na verdade acho que meu celular tá sem som, eu tirei outro dia e agora não sei como faz pra colocar.”
- “E a senhora vai viajar com o celular sem som, como vai ver que estão te ligando?”, perguntei preocupada.
- “Eu não sei, quando minha filha tá aí eu peço ela pra por, mas eu mesma não sei colocar.”
- “Deixa que eu arrumo pra senhora então.”

Decidimos o som de toque depois de testar as opções, pois ela achava alguns muito irritantes.

O coveiro está à disposição (fevereiro de 2023)

Eu nunca havia conversado com o coveiro e, felizmente, não ia naquele cemitério há um tempo. Costumo ir, anualmente, no Dia dos Finados, deixar flores para o meu tio, com minha mãe, mas não havíamos levado no ano anterior. Portanto, o dia de entrevistar o coveiro no cemitério prometia ser uma experiência marcante. Chegando lá, numa sexta-feira, perguntei se ele não queria conversar do lado de fora, mas ele queria ficar na fresta de sombra logo na entrada do cemitério. Durante a entrevista, me surpreendi com suas respostas. Honestas, espontâneas, e muito diferente de tudo que se costuma ouvir. Mais impressionada fiquei com o relato de que passava a noite ali. Minha mãe, que estava me acompanhando, porque pedi a ela, arregalou os olhos e riu. Parecia brincadeira, mas não, ele nos levou ao cômodo em que deixa, já guardado, um travesseiro para os bons sonhos.

Conversando com muita naturalidade sobre o processo de exumação de corpos, João explica que alguns túmulos têm paredes falsas de pedra mas não possuem base do mesmo material, são fixadas diretas na pedra. “Quer ver?”, perguntou ele. “Não, não, não, precisa não”, eu disse dando passos pra trás. Rever esse momento da entrevista na gravação foi engraçado, mas na hora meu coração acelerou. Não tenho tanta familiaridade com cemitérios assim. E ele realmente levantou a pedra do túmulo para comprovar o que dizia, mas eu deixei

os olhos semicerrados e nem enxerguei bem, para falar a verdade. Depois da entrevista deixamos ele em casa, de carro, e nos despedimos. Ele ofereceu ajuda, simpático: “Qualquer coisa que precisar pode me ligar”. Olhei pra minha mãe e parecíamos ter a mesma impressão: “Só João Bosco mesmo.”

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresenta como resultado final a produção de um livro-reportagem, ou um livro de repórter, que tem como tema central Cachoeira do Campo. Desde o princípio o objetivo era não só recuperar as histórias sobre o distrito, mas também possibilitar o resgate das memórias e a identidade de homens e mulheres, meninos e meninas cachoeirenses, e da comunidade como um todo, levando em consideração o passado, mas também o presente, representado pelo cotidiano, e ainda as expectativas para o futuro.

O processo de apuração, escuta e escrita foi longo e não-linear. Cada reportagem exigiu um processo de apuração diferente, e ainda possibilitou estilos de escritas distintos, explorando inclusive gêneros que extrapolam a reportagem, como o perfil, mas que ainda assim poderiam se integrar à produção jornalística. O livro começou a ser escrito no contexto de pandemia da covid-19, e apesar de ter chegado ao fim o isolamento social, a apuração enfrentou as consequências do período afastado das ruas durante a graduação, quando foi necessário aprender e desenvolver diversas práticas jornalísticas à distância, de forma online.

Contudo, o desenvolvimento deste trabalho foi, justamente, uma oportunidade para a compreensão do trabalho jornalístico na prática, principalmente a respeito do jornalismo subjetivo, do jornalismo que prioriza o encontro com o outro, e se mostra sensível à relação das comunidades com o território. Outro aspecto importante durante a realização do trabalho foi a decisão fundamental de pensar nos futuros leitores, tanto para o processo textual escrito, quando para o textual-visual, isto é, a forma como as reportagens foram escritas, com uma linguagem simples e muitas vezes literárias, mas também a identidade e as escolhas de diagramação foram realizadas almejando os atores e leitoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

CAIXETA, Izabella. **João do Rio: conheça o cronista negro que revolucionou o jornalismo**. 1 out. 2021. *Diversidade*, p. 01-02. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2021/10/01/noticia-diversidade,1310304/joao-do-rio-conheca-o-cronista-negro-que-revolucionou-o-jornalismo.shtml>. Acesso em: 9 maio 2022.

CANDAU, Joël. Preâmbulo. In: _____. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 15-19.

CRUZ, Rafael Igino Ferreira. **Análise da evolução populacional dos distritos de Ouro Preto/MG entre os anos 2000 e 2010**. 2013. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/IGCM-9GHGUM/1/monografia_especializacao_geo_rafael_cruz.pdf. Acesso em: 11 mai. 2022

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. **O bairro**. In: DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A Invenção do Cotidiano 2*. Vozes, 2000. p. 37-45.

DA SILVA, Marcia Veiga. Trajetórias de vida como ingrediente de práticas jornalísticas afeitas à alteridade. In: MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; DA SILVA, Marcia. **Livro de Repórter: autorialidade e crítica das práticas**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2019, p. 257–278.

_____. O encontro entre subjetividade e alteridade na crítica das práticas jornalísticas. In: MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; DA SILVA, Marcia. **Livro de Repórter: autorialidade e crítica das práticas**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2019, p. 257–278.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, v. 15, p. 73-102, 2000.

DO AMARAL, Ana Carolina Vieira; BARBOSA, Karina Gomes. **Jornalismo, Afetos e a Cidade: Inventário Afetivo de Jornais Impressos Marianenses**. 2016. Acesso em 09 mai. 2022

DO RIO, João. **A alma encantadora das ruas**. Nova Fronteira, 2011.

FARACHE, Ana. **Fotografia: uma experiência entre a memória e imaginação**. *Discursos Fotográficos*, v. 4, n. 4, p. 13-34, 2008.

FONSECA, Marcus Vinícius. **Escola e status racial em Cachoeira do Campo/MG no século XIX.** Cadernos de Pesquisa, v. 45, p. 156-177, 2015. Acesso em: 2021 ago. 02.

FORECHI, Marcilene; HOFF, Rafael S.; CERIGATTO, Mariana P.; et al. **Fotojornalismo: técnicas e linguagens.** Porto Alegre: Grupo A, 2020. 9786581492298. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786581492298/>. Acesso em: 27 mai. 2022.

ENOIS (Brasil). **Manual de Jornalismo e Território: Primeira Infância e Adolescência.** 1. ed. São Paulo: [s. n.], 2021. Disponível em: <https://enoisconteudo.com.br/wp-content/uploads/2021/08/Manual-de-Jornalismo-e-Territo%CC%81rio-da-E%CC%81nois-primeira-edic%CC%A7a%CC%83o.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão.** Editora Gustavo Gili, 2013.

IEPHA (MG). **Conjunto arquitetônico, paisagístico e arqueológico das Escolas Dom Bosco – antigo Quartel do Regimento de Cavalaria de Minas Gerais.** In: Bens Tombados. Minas Gerais, 2016. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-aco-es/patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/details/1/154/bens-tombados-conjunto-arquitet%C3%B4nico,-paisag%C3%ADstico-e-arqueol%C3%B3gico-das-escolas-dom-bosco-%E2%80%93-antigo-quartel-do-regimento-de-cavalaria-de-minas-gerais>. Acesso em: 11 maio 2022.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

MABILIA, Adriana. **Reportagem, um processo que envolve correção, empatia, sofrimento e reflexão.** In: MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; DA SILVA, Marcia. Livro de repórter: autoridade e crítica das práticas. Santa Maria, RS: FACOS-UFMS, 2019, p. 401-409.

MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; DA SILVA, Marcia. Livro de repórter: percurso de pesquisa e formulação do conceito. In: _____. **Livro de Repórter: autoridade e crítica das práticas.** Santa Maria, RS: FACOS-UFMS, 2019, p. 23–48.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível.** 2008.

MEMÓRIA ARQUITETURA. **Festas Religiosas: inventário dos distritos de Ouro Preto(MG)**. 1. ed. Belo Horizonte: [s. n.], 2006. CD-ROM.

MORAES, Fabiana. Para que serve um jornalismo de subjetividade? *In*: MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; DA SILVA, Marcia. **Livro de Repórter: autoralidade e crítica das práticas**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2019, p. 411-432.

OLIVEIRA, Victória. **Praça da Matriz de Cachoeira do Campo: História a céu aberto**. Lamparina, Mariana, 4 dez. 2018. Cultura, p. 01-02. Disponível em: <https://lamparinaufop.wordpress.com/2018/12/04/praca-da-matriz-de-cachoeira-do-campo-historia-a-c-eu-aberto/>. Acesso em: 11 maio 2022.

SARLO, Beatriz. **Relato, história e memória.**, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 17–32, 2021. DOI: 10.5216/rth.v24i2.71193. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/71193>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Mauad Editora Ltda, 2006.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, v. 15, p. 7-72, 2000.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

ZAMIN, Angela. **Jornalismo e território: a cartografia diária das coisas do mundo**. Fronteiras-estudos midiáticos, v. 15, n. 2, p. 96-107, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4013/fem.2013.152.03>